

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • JULHO DE 2017

A Liahona

**Ser Santo dos Últimos Dias É
Ser Pioneiro, pp. 24, 30, 56, 64**

Seis Princípios para Ajudar-nos a Ser
Professores Que Salvam Almas, p. 8

Acampamento de Sião: Lições de Aprendizado
ao Seguir os Líderes da Igreja, p. 14

O Que Aprendi sobre os Desafios
de Criar Filhos, p. 34



Juntos sob o estandarte onde está escrito "Pioneiros de 1847", homens e mulheres que chegaram ao Vale do Lago Salgado em 1847 reuniram-se para a celebração de 24 de julho, em 1905.

Fotografia gentilmente cedida pela Biblioteca de História da Igreja



MENSAGENS

- 4 Mensagem da Primeira Presidência: A Recompensa por Suportar Bem**
Presidente Henry B. Eyring
- 7 Mensagem das Professoras Visitantes: Para Que Sejam Um**

ARTIGOS

- 12 O Verdadeiro Milagre**
Don L. Searle
A cura de Paola foi um milagre, mas um milagre ainda maior foi a maneira pela qual o Salvador transformou o coração dos membros de sua família.

- 14 Quem Segue ao Senhor: Lições do Acampamento de São**
Élder David A. Bednar
Lições valiosas desse grupo de pessoas que viajou 1.450 quilômetros para ajudar os demais santos.

- 24 Aprender a Ouvir: Os Primeiros Ramos com Integração Racial na África do Sul**
Matt McBride e James Goldberg
Durante o apartheid, esses santos aprenderam a amarem-se mutuamente à medida que começaram a ouvir, a entender e a incluir uns aos outros.

- 28 Curar o Amado País: A Fé de Julia Mavimbela**
Matthew K. Heiss
Apesar da tragédia ocorrida em sua vida, Julia Mavimbela finalmente encontrou paz.

- 30 Desideria Yáñez: Uma Pioneira entre as Mulheres**

Clinton D. Christensen

Ao seguir seus sonhos e suas impressões, Desideria Yáñez encontrou seu bem mais valioso.

- 34 Criar Nosso Filho em Parceria com Deus**

Kami Crookston

Cuidar de meu filho com TDAH severo parece uma batalha sem fim. O que eu deveria aprender com isso?

SEÇÕES

- 8 Ensinar à Maneira do Salvador: Um Professor Que Ajuda a Salvar Almas**

Brian Hansbrow

- 38 Retratos de Fé: Murilo Vicente Leite Ribeiro**

- 40 Vozes da Igreja**

- 80 Até Voltarmos a Nos Encontrar: Aqueles do Último Carroção**

J. Reuben Clark Jr.



NA CAPA

Fotografia de uma família pioneira na Bolívia: Leslie Nilsson.

48



44 A Única Coisa Que Me Salvou

Shuho Takayama, conforme relatado a Ana-Lisa Clark Mullen

Eu estava deprimido e solitário. Será que conseguiria encontrar amigos verdadeiros?

48 Desempenhar o Papel Mais Importante

Annie McCormick Bonner

Eu estava entusiasmada para interpretar o papel principal na peça — até que li o roteiro.



Veja se consegue encontrar a Liahona oculta nesta edição.
Dica: Olhe para as árvores.



56

50 Fortes Durante Toda a Semana

O que o sacramento significa para você?

54 Respostas dos Líderes da Igreja: Como Obter um Testemunho

Élder Dallin H. Oaks

55 Direto ao Ponto

*Como julgar com justiça?
Conversar com meu bispo sobre pornografia?*

56 Sua Jornada Pioneira — Para Valer e Não Fingida

Aaron L. West

Os pioneiros de hoje seguem Jesus Cristo.

60 Uma Canção para Manon

Richard M. Romney

Manon estava muito doente para se apresentar, mas não foi esquecida pelos amigos.

63 Pôster: Chegar Mais Alto



76

64 O Caminho para Sião

Jessica Larsen

Mary teve de levar sozinha sua família por todo o caminho até o Vale do Lago Salgado. Será que conseguiu?

68 Jejuar pelo Profeta

Rebecca J. Carlson

Silioti estava com muita fome, mas queria jejuar pelo Presidente Kimball.

70 Cantinho da Pergunta: Como posso saber se tenho idade suficiente para jejuar?

71 Faça Sua Luz Brilhar

Élder Larry S. Kacher

Você pode ser um exemplo de Cristo, não importa a sua pouca idade.

72 A Carteira Mágica

Amanda Waters

Devolver a carteira poderia fazer uma diferença tão grande?

74 Respostas de um Apóstolo: O que é um conselho de família?

Élder M. Russell Ballard

75 Figuras da História da Igreja: Kirtland e a Palavra de Sabedoria

76 Histórias de Jesus: Jesus Alimentou Muitas Pessoas

Kim Webb Reid

79 Página para Colorir: Gosto de Ler as Escrituras

Ideias para a Noite Familiar

Esta edição contém atividades e artigos que podem ser usados na noite familiar. Seguem-se dois exemplos.



“A Carteira Mágica”, p. 72: Vocês podem iniciar a noite familiar cantando “Faze o Bem, Escolhendo o Que É Certo” (*Hinos*, nº 148). Em família, vocês podem encenar situações sobre o tema “escolher o que é certo”. Por exemplo, o que você poderia fazer se ficasse tentado a colar em uma prova ou a deixar alguém de lado em uma atividade? Adapte as circunstâncias de acordo com a situação de sua família.

“O Que é um Conselho de Família?”, p. 74: Para se prepararem para o conselho de família, vocês devem estipular regras e metas. Peça a colaboração de todos da família. As regras e as metas podem incluir: desligar os aparelhos eletrônicos, ouvir uns aos outros, conversar sobre os eventos futuros e fazer metas familiares de longo prazo. Personalize seu conselho de família e torne-o interessante de modo que as pessoas fiquem ansiosas para participar dele.

MAIS NA INTERNET

Leia, compartilhe e pesquise online no site liahona.LDS.org.

Envie comentários para liahona@LDSchurch.org.

Encontre mensagens inspiradoras em [facebook.com/liahona.magazine](https://www.facebook.com/liahona.magazine) (disponíveis em inglês, português e espanhol).

TÓPICOS DESTA EDIÇÃO

Os números representam a primeira página de cada artigo.

Acampamento de São, 14

Adversidade, 4, 14, 41, 44

Amizade, 44, 60, 71

Arrependimento, 12, 55

Casamento, 40

Conversão, 12, 44

Coragem, 64, 72

Dia do Senhor, 38, 50

Discipulado, 14, 48, 56, 63, 80

Educação, 40

Ensino, 8

Ensino familiar, 43

Entendimento, 24, 28

Escrituras, 79

Exemplo, 55, 71

Família, 12, 34, 74

Fé, 4, 40, 60, 64, 68

História da família, 41

História da Igreja, 14, 24, 30, 64, 75

Honestidade, 72

Humildade, 14

Jejum, 68, 79

Jesus Cristo, 7, 8, 41, 56, 63, 76, 80

Milagres, 12

Mulheres, 28, 30, 64

Obediência, 4, 14

Obra missionária, 12, 28, 30, 42, 44, 71

Pais, 34

Perdão, 28

Perseverança, 4, 30, 34, 60, 80

Pioneiros, 14, 24, 28, 30, 56, 64

Sacramento, 50, 54

Serviço, 4, 43, 60

Talentos, 48

Testemunho, 54

União, 7, 24, 60



**Presidente
Henry B. Eyring**

Primeiro Conselheiro
na Primeira Presidência

A RECOMPENSA POR Suportar Bem

Quando eu era jovem, servi na Igreja como conselheiro de um sábio presidente de distrito. Ele tentava ensinar-me constantemente. Lembro-me de um conselho que me deu certa vez: “Quando falar com alguém, trate-o como se ele estivesse em sérios apuros e você estará certo em mais da metade das vezes”. Achei na época que ele estava sendo pessimista. Hoje, mais de 50 anos depois, percebo o quanto ele compreendia bem o mundo e a vida.

Todos temos provações a enfrentar — por vezes, muito difíceis. Sabemos que o Senhor permite que passemos por provações a fim de sermos moldados e aperfeiçoados para podermos viver com Ele eternamente.

O Senhor ensinou ao Profeta Joseph Smith, na Cadeia de Liberty, que a recompensa por suportar bem as provações seria que isso o ajudaria a estar à altura da vida eterna:

“Meu filho, paz seja com tua alma; tua adversidade e tuas aflições não durarão mais que um momento;

E então, se as suportares bem, Deus te exaltará no alto; triunfarás sobre todos os teus inimigos” (D&C 121:7–8).

Temos tantas dificuldades e provações na vida, que nos parece difícil suportar bem. É o que pode parecer a uma família que depende da colheita numa época de seca. Os membros dessa família podem se perguntar: “Por quanto tempo conseguiremos aguentar?” É o que pode parecer a um jovem que tenha de resistir à crescente enxurrada de imoralidade e tentações. É o que pode parecer a um rapaz que esteja se esforçando para concluir os estudos ou os cursos necessários para conseguir um emprego que lhe permita sustentar a esposa e os filhos. É o que

pode parecer a uma pessoa que não consegue encontrar emprego ou que tenha perdido um emprego após outro à medida que as empresas foram fechando suas portas. É o que pode parecer àqueles que estejam enfrentando a deterioração da saúde ou da força física, seja a deles mesmos ou a de um ente querido, o que pode acontecer no início ou no fim da vida.

No entanto, um Deus amoroso não colocou essas provações diante de nós simplesmente para ver se podemos suportá-las, mas para ver se podemos suportá-las bem e, assim, nos aperfeiçoarmos.

A Primeira Presidência ensinou a Parley P. Pratt (1807–1857) quando ele era um membro recém-chamado do Quórum dos Doze Apóstolos: “Você se alistou em uma causa que requer sua atenção total; (...) torne-se uma flecha polida. (...) Deve suportar muita labuta, muito trabalho árduo e muitas provações para tornar-se perfeitamente polido. (...) Seu pai Celestial requer isso de você, o campo é Dele; a obra é Dele, e Ele vai (...) alegrá-lo e animá-lo”.¹

No livro de Hebreus, Paulo fala dos frutos colhidos por suportar bem: “E, na verdade, toda correção, ao presente, não parece ser causa de alegria, senão de tristeza, mas depois produz um fruto pacífico de justiça aos exercitados por ela” (Hebreus 12:11).

Nossas provações e dificuldades dão-nos a oportunidade de aprender e crescer e podem até mesmo mudar nossa própria natureza. Se nos voltarmos para o Salvador durante nossas provações mais difíceis, nossa alma pode ser polida à medida que as suportamos.



a reconhecer a mão do Salvador e a influência do Espírito Santo em nossa vida. Muitos de nós em determinado momento prestamos serviço ao próximo e sentimos essa companhia. Se pensarem nesses momentos, lembrarão que vocês passaram por mudanças. A tentação de fazer coisas erradas pareceu diminuir. O desejo de fazer o bem aumentou. Aqueles que os conheciam e os amavam podem ter dito: “Você está mais gentil e mais paciente. Nem parece a mesma pessoa”.

Vocês não eram a mesma pessoa. Foram transformados pela Expição de Jesus Cristo porque confiaram Nele nos momentos de provação.

Prometo-lhes que o Senhor virá socorrê-los durante as dificuldades se O procurarem e O servirem, e que sua alma será polida durante o processo. Faço-lhes o desafio de colocar sua confiança Nele durante todas as suas adversidades.

Sei que Deus, o Pai, vive e que Ele ouve e atende todas as nossas orações. Sei que Seu Filho, Jesus Cristo, pagou o preço por todos os nossos pecados e quer que nos achemos a Ele. Sei que o Pai e o Filho zelam por nós e têm preparado um caminho para suportarmos bem e voltarmos ao lar novamente. ■

NOTA

1. *Autobiography of Parley P. Pratt* [Autobiografia de Parley P. Pratt], ed. Parley P. Pratt Jr., 1979, p. 120.

Portanto, a primeira coisa da qual devemos nos lembrar é de orar sempre (ver D&C 10:5; Alma 34:19–29).

A segunda coisa é nos esforçarmos continuamente para guardar os mandamentos — seja qual for a oposição, a tentação ou a confusão

à nossa volta (ver Mosias 4:30).

A terceira coisa crucial a fazer é servir ao Senhor (ver D&C 4:2; 20:31).

Quando estamos a serviço do Mestre, aprendemos a conhecê-Lo e a amá-Lo. Se perseverarmos em oração e serviço fiel, começaremos

ENSINAR USANDO ESTA MENSAGEM

Todos temos desafios que testam nossa fé e nossa capacidade de perseverar. Pensem nas necessidades e nos desafios das pessoas que vocês visitam. Antes da visita, orem pedindo orientação a fim de saber como melhor ajudá-las a suportar bem. Vocês podem pensar em debater tanto os princípios quanto as escrituras mencionadas pelo Presidente Eyring, incluindo a oração, o serviço e a obediência aos mandamentos. Também podem relatar experiências pessoais de como têm sido abençoados com ajuda para suportar bem.



JOVENS



Você pode baixar o hino “É Tarde, a Noite Logo Vem” no site LDS.org/go/7176.

Quando Minha Amiga Morreu

Samantha Linton

No meu penúltimo ano do Ensino Médio, minha amiga teve um aneurisma cerebral e faleceu no dia seguinte. Embora eu fosse membro da Igreja, foi difícil lidar com a situação. Durante toda a vida, aprendi que poderia contar com o Pai Celestial e o Salvador para qualquer coisa, mas nunca tinha passado por uma situação como essa antes.

Chorei durante horas tentando encontrar alguém ou alguma coisa que me consolasse. Na noite seguinte ao falecimento dela, peguei o hinário. Ao virar as páginas, parei no hino “É Tarde, a Noite Logo Vem” (*Hinos*, nº 96). A terceira estrofe chamou minha atenção:

*É tarde, a noite logo vem
Há sombras pelo ar;
Desejo encontrar alguém*

*Que paz me saiba dar
Oh! Vem, as trevas afastar:
Habita no meu lar.
Ó Salvador, vem ao meu lar!
Comigo vem morar.*

Essa estrofe me fez sentir grande paz. Eu sabia não apenas que o Salvador poderia estar aquela noite comigo, mas que Ele sabia exatamente o que eu estava sentindo. Sei que o amor que senti por meio do hino não foi um sentimento que tive somente naquela noite, mas que me acompanhou durante muitas outras provações pelas quais passei.

A autora mora em Utah, EUA.

CRIANÇAS

Manter o Foco em Jesus

Quando pensamos em Jesus, Ele nos ajuda a enfrentar as coisas difíceis da vida. Amar as pessoas, guardar os mandamentos e orar ao Pai Celestial em nome de Jesus Cristo são maneiras de manter o foco em Jesus.

Desenhe nos quadros em branco de modo que cada linha e cada coluna tenha um desenho para amor, um para oração e um para mandamentos.



Para Que Sejam Um

Em espírito de oração, estude este material e busque inspiração para saber o que compartilhar. De que modo a compreensão do propósito da Sociedade de Socorro prepara as filhas de Deus para as bênçãos da vida eterna?

“Jesus alcançou a perfeita unidade com o Pai, submetendo-Se, tanto na carne quanto no espírito, à vontade do Pai”, ensinou o Élder D. Todd Christofferson, do Quórum dos Doze Apóstolos.

“Sem dúvida, não seremos um com Deus e Cristo enquanto não fizermos com que a vontade e o interesse Deles sejam o nosso maior desejo. Essa submissão não é conseguida num dia, mas, por meio do Santo Espírito, o Senhor vai ensinar-nos, se estivermos dispostos, até que, com o tempo, possamos dizer verdadeiramente que Ele está em nós, tal como o Pai está Nele.”¹

Linda K. Burton, presidente geral da Sociedade de Socorro, ensinou como trabalhar em união: “Fazer e cumprir nossos convênios é uma expressão de nosso compromisso de nos tornar mais semelhantes ao Salvador. O ideal é esforçar-nos para ter a atitude muito bem expressa em



Fé
Família
Auxílio

algumas linhas de um hino favorito: ‘Aonde mandares, irei. (...) O que ordenares direi. (...) Tal como mandares, serei’.”²

O Élder Christofferson também nos relembra: “À medida que nos esforçamos a cada dia e a cada semana para seguir o caminho de Cristo, nosso espírito ganha preeminência, a batalha interna cessa e as tentações deixam de incomodar-nos”.³

Neill F. Marriott, segunda conselheira na Presidência Geral das Moças, presta testemunho das bênçãos que recebemos por lutarmos para alinhar nossa vontade à vontade de Deus: “Tenho lutado para banir o desejo mortal de fazer as coisas à *minha* maneira, pois percebo que a minha maneira é muito mais deficiente, limitada e inferior

à maneira de Jesus Cristo. ‘[O caminho de nosso Pai] é aquele que conduz à felicidade nesta vida e à vida eterna no mundo vindouro’.”⁴ Lutemos para que humildemente nos tornemos um com nosso Pai Celestial e com Seu Filho, Jesus Cristo.

Informações e Escrituras Adicionais

João 17:20–21; Efésios 4:13;
Doutrina e Convênios 38:27;
reliefsociety.LDS.org

NOTAS

1. D. Todd Christofferson, “Para Que Sejam Um em Nós”, *A Liahona*, novembro de 2002, pp. 72–73.
2. Linda K. Burton, “O Poder, a Alegria e o Amor de Fazer Convênios”, *A Liahona*, novembro de 2013, p. 111.
3. D. Todd Christofferson, “Para Que Sejam Um em Nós”, pp. 71–72.
4. Neill F. Marriott, “Entregar Nosso Coração a Deus”, *A Liahona*, novembro de 2015, p. 32.



Pense Nisto

Como fazer
a vontade
de Deus nos
ajuda a nos
tornarmos
mais seme-
lhantes a Ele?

UM PROFESSOR QUE AJUDA A SALVAR ALMAS

Brian Hansbrow

Desenvolvimento de Currículo da Igreja

As razões por que o Salvador ensinou dão sentido à maneira como Ele ensinou. Porventura seria diferente nosso propósito?

Admito que, quando penso sobre ensinar à maneira do Salvador, costumo pensar em *como* Ele ensinou. O que Ele fez? Como interagiu com as pessoas? Afinal de contas, Ele é o Mestre dos mestres! Mas, se quisermos ensinar como Ele o fez, é essencial entender *por que* Ele ensinava. Por fim, o “porquê” vai fazer toda a diferença para nós e para aqueles a quem ensinamos.

Quando o Salvador ensinava, Seu propósito não era preencher o tempo, entreter ou despejar um grande volume de informações. Tudo o que Ele fez — inclusive ensinar — tinha o propósito de levar as pessoas de volta a Seu Pai. O desejo e a missão do Salvador eram salvar os filhos do Pai Celestial (ver 2 Néfi 26:24). Em nossa busca para ensinar como Ele ensinou, podemos aprender a sermos motivados pelo mesmo propósito que O motivou.

Em outras palavras, ensinar à maneira do Salvador é ser um professor cujo propósito é o de ajudar a salvar almas.

O Desejo de Salvar Outras Pessoas

Um dos meus relatos favoritos do Livro de Mórmon é a história dos filhos do rei Mosias, que abdicaram do reino dos nefitas para estabelecer o reino de Deus entre os lamanitas. Eles abriram mão de um reino terreno em favor de um Reino Celestial. Renunciaram ao conforto e à segurança que tinham entre os nefitas para estar entre seus inimigos, os lamanitas,

a fim de “talvez salvar a alma de alguns deles” (Alma 26:26).

Qual era a motivação desses servos do Senhor? “Não podiam suportar que qualquer alma humana se perdesse; e até mesmo a ideia de que alguma alma tivesse de sofrer o tormento eterno fazia-os tremer e estremecer” (Mosias 28:3). Tal motivação fez com que eles passassem por “muitas aflições” (Alma 17:5, 14).



Essa história me inspirou a pensar: Estou fazendo o que posso para trazer outras pessoas a Cristo? Tenho como objetivo salvar almas?

Tornar-se um Professor Que Ajuda a Salvar Almas

Quando queremos ensinar pelo mesmo motivo que o Salvador o fez, conhecer os princípios de *como* Ele ensinava torna-se mais significativo. Mais do que apenas técnicas, esses princípios servem como padrões para nos tornarmos como Ele. Ao aplicarmos as seguintes ideias de maneira sistemática, bem como as outras ideias encontradas no material *Ensinar à Maneira do Senhor*, podemos não somente *ensinar* mais como Ele, mas *sermos* mais como Ele.

Buscar Revelação Antes

Para ajudar no trabalho de salvar almas, precisamos da revelação. A revelação vem “linha sobre linha, preceito sobre preceito, um pouco aqui e um pouco ali” (2 Néfi 28:30) e demanda tempo. Portanto, começamos a nos preparar antecipadamente e sempre buscamos obter revelação.

Amar as Pessoas

Amar pode ser a maneira mais eficaz que um professor pode encontrar para conseguir salvar almas. Pode ser algo simples como saber o nome de cada aluno, perguntar como foi a semana deles, cumprimentá-los por um bom discurso que fizeram ou por alguma meta ou realização deles. Demonstrar interesse e amor faz com que eles se abram e os ajuda a serem receptivos ao Espírito Santo.





Prepare-se para Ensinar Tendo em Mente as Necessidades dos Alunos

Um professor que ajuda a salvar almas se concentra nos alunos. Ao revisarmos o material da lição, enfocamos o que vai atender melhor às necessidades deles, não as nossas. Não nos preocupamos em preencher o tempo, mas em preencher a mente e o coração. Pensamos não apenas no que vamos dizer ou fazer, mas no que os alunos vão dizer ou fazer. Queremos que compartilhem as ideias deles, pois isso edifica a união, abre o coração e os ajuda a exercer fé.

Concentre-se na Doutrina

É comum aos professores avaliarem sua eficácia por meio do quanto conseguem estimular a participação dos alunos, mas esse é só um elemento da experiência. Se a classe tem muita participação, mas com pouca doutrina, temos que providenciar o que o Élder Jeffrey R. Holland, do Quórum dos Doze Apóstolos, chamou de “biscoito de polvilho teológico”. Nós lhes oferecemos algo gostoso, mas deixamos de nutrir os membros da classe com o poder que a doutrina tem de sustentar.

O Profeta Joseph Smith ensinou: “O homem é salvo na mesma proporção em que adquire conhecimento”.¹ Precisamos ajudar aqueles que ensinamos a adquirir o tipo mais importante de conhecimento — o da doutrina de Jesus Cristo.

Quando nós e os membros da classe compartilhamos nossos pensamentos e sentimentos, devemos sempre relacioná-los às escrituras e

às palavras dos profetas dos últimos dias. Recentemente, o irmão Tad R. Callister, presidente geral da Escola Dominical, ensinou: “O professor ideal está constantemente se esforçando para relacionar os comentários dos alunos à doutrina. Por exemplo, o professor pode dizer: ‘A experiência que você compartilhou me fez lembrar de uma escritura’, ‘Que verdades do evangelho aprendemos dos comentários que ouvimos?’ ou ‘Alguém gostaria de prestar testemunho do poder dessa verdade da qual estamos falando?’”²

Convidar o Espírito Santo para Testificar

Um professor que ajuda a salvar almas compreende que o que diz e faz ao ensinar tem como objetivo convidar a influência do Espírito Santo para a vida das pessoas. O Espírito Santo é o professor. Um dos papéis do Espírito Santo é testificar da verdade, especialmente sobre o Pai e o Filho. Portanto, quando ensinamos sobre o Pai Celestial e Jesus Cristo e sobre o evangelho Deles, convidamos o Espírito Santo a testificar aos membros da classe. Se eles permitirem, o poder do Espírito Santo vai fortalecer-lhes o testemunho e mudar-lhes o coração. O testemunho Dele é mais poderoso do que a visão.³

Convidar os Alunos a Agirem por Si Mesmos

Estava recentemente em uma aula da Escola Dominical na qual a professora iniciou pedindo aos membros da classe que compartilhassem algo que tenha sido particularmente



significativo para eles quando leram a designação de escrituras da semana e como eles as haviam aplicado em sua vida. Isso gerou um debate significativo sobre o conhecimento e as descobertas que fizeram por si mesmos. Foi muito natural para a professora acrescentar à conversa os pontos doutrinários que havia preparado para ensinar. O que mais me impressionou foi como ela se concentrou em incentivar os alunos a vivenciarem por si mesmos o poder da palavra de Deus.

Nossa meta como professores não é apenas ter uma grandiosa experiência na classe, preencher o tempo

ou dar uma boa aula. A verdadeira meta é trilhar com as outras pessoas o caminho de volta a nosso Pai Celestial e a Jesus Cristo. Nossa meta é nos tornar professores que ajudam a salvar almas. ■

Visite o site teaching.LDS.org para saber mais sobre como Ensinar à Maneira do Senhor e sobre como as reuniões de conselho podem mudar nossa maneira de aprender e ensinar.

NOTAS

1. *Ensinaamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, p. 278.
2. Tad R. Callister, “Sunday School ‘Discussion Is a Means, Not an End’” [Escola Dominical: O Debate é um Meio, Não um Fim], *Church News*, 9 de junho de 2016, deseretnews.com.
3. Ver *Ensinaamentos dos Presidentes da Igreja: Harold B. Lee*, 2000, p. 39.

Don L. Searle

O que aconteceu com Paola Yáñez, disseram os médicos, foi um milagre da Medicina. O estado da adolescente de Quito, Equador, melhorou repentinamente, e foi possível que seu pai doasse a ela um de seus rins. A cirurgia de transplante foi bem-sucedida e ela recebeu uma segunda chance na vida.

No entanto, Marco Yáñez, o pai, disse que o que aconteceu a ele foi igualmente incrível. Ele encontrou o evangelho, e a mudança que isso fez em sua vida deu-lhe uma segunda chance também.

Um problema de nefrite na infância tinha danificado os rins de Paola, mas a Medicina a ajudara a viver. Quando tinha 15 anos, entretanto, sua saúde piorou. Um dos rins tinha entrado em falência, e o outro estava se deteriorando rapidamente. Apesar dos tratamentos de diálise, Paola estava morrendo lentamente. Ela só podia beber um copo de água por dia e suas atividades eram extremamente limitadas por causa dos pulmões, do pâncreas e do coração, que haviam sido afetados.

Não era possível removê-la para os Estados Unidos ou para Cuba a fim de fazer um transplante — ela precisaria encontrar um doador no Equador. Testes mostraram que seu pai não poderia ser o doador. A mãe poderia, mas os médicos descobriram que a diálise tinha deixado o nível de anticorpos de Paola tão alto que o transplante seria rejeitado. Paola orou para que de alguma maneira sua vida fosse poupada.

Naquela ocasião, em junho de 1988, os missionários da Igreja bateram à porta da família Yáñez. A mãe de Paola, Carmen, lembra que os havia convidado a entrar para insultá-los. Quando lhe disseram que

O Verdadeiro MILAGRE

A mão do Senhor se fez evidente não somente na recuperação de Paola, mas também na conversão de seu pai ao evangelho.



tinham uma mensagem que podia ajudá-la, esbravejou: “Como vocês podem me ajudar quando minha filha está morrendo? Não acredito que exista um Deus!”

Apesar da antipatia inicial de Carmen, os missionários continuaram a visitar a família. A princípio, Marco sentiu que simplesmente estava envolvido demais no cuidado da filha para prestar atenção nos missionários. No entanto, finalmente ele ouviu, apenas por curiosidade. Achou que eles tinham as respostas para suas perguntas sobre o propósito da vida.

Marco não acreditava em um Deus pessoal. Para ele, Deus era uma fonte de energia universal ou um ser transcendente e distante sem envolvimento com os seres humanos. Mas, quando a saúde da filha estava em seu estado mais crítico, orou pedindo a Deus que curasse a filha doente ou que a levasse. Ele orou: “Se Tu existes, por favor, mostra a mim. Por favor, dá-me a vida de minha filha”.

Logo após sua oração, Marco sentiu fortemente que o estado de Paola havia mudado. Pediu aos médicos que refizessem o teste nele e em sua filha. Responderam que fazer o teste seria perda de tempo, mas concordaram.

Descobriram que Marco de fato *era* um doador compatível e que a saúde de Paola tivera uma melhora suficiente para que fosse submetida ao transplante!

Um dia antes da cirurgia, Marco e Paola aceitaram receber uma bênção do sacerdócio dada pelos missionários.

Marco e Paola achavam que o período de convalescença no hospital seria longo. No entanto, Marco recebeu alta cinco dias depois, e Paola, que esperava ficar internada no hospital por dois meses, permaneceu apenas 13 dias. Marco atribuiu sua rápida recuperação às bênçãos do sacerdócio

e soube que deveria levar a sério a mensagem dos missionários.

Marco e Carmen Yáñez foram batizados no dia 11 de setembro de 1988. Paola, que ouvira as lições missionárias antes de sua cirurgia, e sua irmã, Patricia, foram batizadas no dia 3 de novembro. A essa altura, o pai havia recebido o Sacerdócio Aarônico e pôde batizá-las.

O irmão Yáñez acredita que o Senhor respondeu à sua oração e permitiu-lhe ser o doador de Paola a fim de mudar o coração dele. “Se eles tivessem operado minha esposa em vez de mim, creio que eu estaria levando a mesma vida de antes”, comentou ele. Não era uma vida da qual se orgulhava — uma vida marcada por álcool, fumo e jogatina. Ele conta que venceu seus vícios devido à resposta que recebeu para suas orações. Mas foi muito difícil; ele reconhece que só Deus poderia tê-lo ajudado a mudar.

O irmão Yáñez disse que agora tem um forte testemunho da Palavra de Sabedoria e da lei do dízimo. Quando os missionários o estavam ensinando, ele abria seu negócio todos os dias da semana para pagar os mil dólares do tratamento de Paola. A lei do dízimo “foi muito difícil de aceitar”, reconhece ele, mas decidiu guardar o Dia do Senhor e testar a promessa de Malaquias 3:10 pagando o dízimo. Quando fechou sua loja aos domingos, ele disse: “Aqueles que compravam aos domingos compravam aos sábados — e compravam ainda mais”. Hoje sua situação financeira está melhor do que quando abria seu negócio sete dias por semana.

Quando Marco Yáñez olha para trás, fica surpreso com as mudanças ocorridas em sua vida. Reconhece que suas preces pela vida da filha levaram a vida de toda a família a um patamar de espiritualidade que jamais sonhara ser possível. ■
O autor mora em Utah, EUA.



**Élder
David A. Bednar**
Do Quórum dos
Doze Apóstolos

QUEM SEGUE

A expedição do Acampamento de Sião, liderada pelo Profeta Joseph Smith em 1834, é um exemplo marcante da escolha de seguir ao Senhor. Rever a história do Acampamento de Sião pode ajudar-nos a aprender valiosas e eternas lições desse acontecimento significativo da história da Igreja.

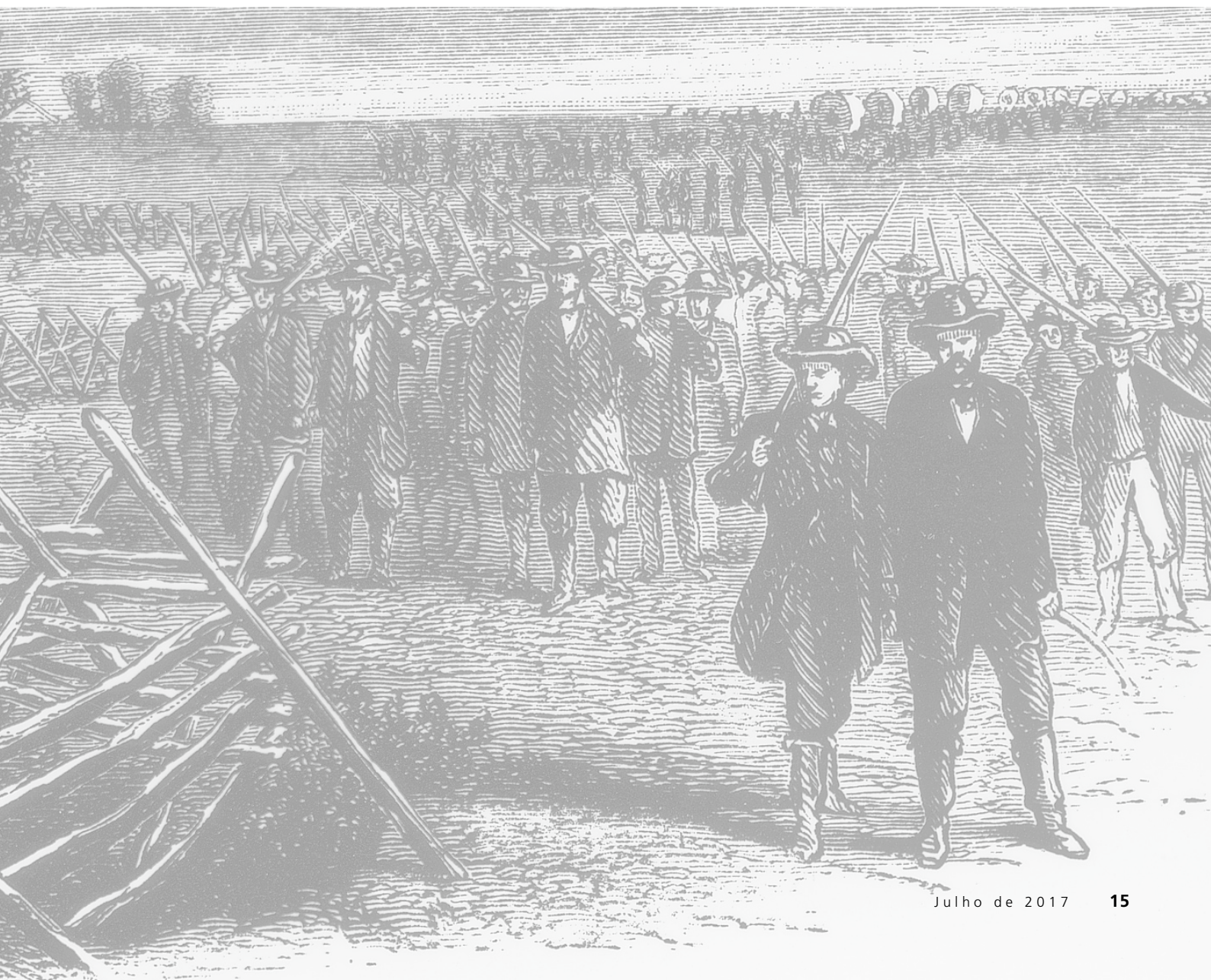
O Que Era o Acampamento de Sião?

O Profeta Joseph Smith recebeu uma revelação em 1831 designando Independence, Condado de Jackson, Missouri, como a sede de Sião, o lugar central para a reunião dos santos dos últimos dias e o local para a Nova Jerusalém, identificada tanto na Bíblia como no Livro de Mórmon (ver D&C 57:1–3; ver também Apocalipse 21:1–2; Êter 13:4–6). Em meados de 1833, os colonos mórmons totalizavam aproximadamente um terço da população do Condado de Jackson. O número crescente de pessoas, a influência política em potencial e as distintas crenças religiosas e políticas dos recém-chegados foram objeto de preocupação para os outros colonos da região, que conseqüentemente obrigaram os membros da Igreja a deixar sua casa e suas propriedades. Quando os colonos mórmons não aceitaram o ultimato que lhes foi imposto, o povo do Missouri os atacou em 1833 e os forçou a partir.

A formação do Acampamento de Sião foi ordenada por revelação em fevereiro de 1834 (ver D&C 103). O

AO SENHOR

Lições do Acampamento de Sião



Em novembro de 1833, o povo do Missouri atacou os assentamentos mórmons no Condado de Jackson, Missouri, e os forçou a abandonar o local.



propósito principal desse exército do Senhor era proteger os mórmons de novos ataques no Condado de Jackson — depois que a milícia tivesse cumprido sua obrigação de acompanhar os colonos em segurança de volta para sua casa e suas terras. O acampamento também foi formado para trazer dinheiro, suprimentos e apoio moral aos santos empobrecidos. Além disso, durante os meses de maio e junho de 1834, um grupo de mais de 200 voluntários membros da Igreja liderados pelo Profeta Joseph Smith viajou cerca de 1.450 quilômetros de Kirtland, Ohio, ao Condado de Clay, Missouri. Hyrum Smith e Lyman Wight também recrutaram um grupo menor de voluntários do território de Michigan e encontraram-se com o grupo do Profeta no Missouri. Entre os que participaram do Acampamento de Sião estavam Brigham Young, Heber C. Kimball, Wilford Woodruff, Parley P. Pratt, Orson Hyde e muitas outras pessoas proeminentes na história da Igreja.

Meu propósito não é descrever os detalhes dessa difícil jornada ou recontar todos os acontecimentos espiritualmente significativos que ocorreram. Deixem-me simplesmente resumir um pouco os principais acontecimentos da expedição do Acampamento de Sião:

- O governador Daniel Dunklin, do Missouri, não providenciou a ajuda militar necessária que prometera para que os colonos mórmons fossem reintegrados a suas terras.
- As negociações realizadas entre os líderes da Igreja, as autoridades do Estado e os cidadãos do Condado de Jackson a fim de evitar um conflito armado para resolver disputas pelas propriedades não conseguiram chegar a um acordo satisfatório.
- Por fim, o Senhor orientou Joseph Smith a dissolver o Acampamento de Sião e indicou por que o exército não havia atingido seus objetivos (ver D&C 105:6–13, 19).
- O Senhor orientou os santos a praticarem uma política de boa vizinhança na região em preparação para o momento em que Sião fosse recuperada por meios legais em vez de militares (ver D&C 105:23–26, 38–41).

O exército de Sião foi dividido em grupos menores no final de junho de 1834, e os documentos de dispensa foram emitidos nos primeiros dias de julho de 1834. A maioria dos voluntários retornou a Ohio.

Que Lições Podemos Aprender com o Acampamento de Sião?

Por não ter conseguido restabelecer os santos em suas terras no Condado de Jackson, o Acampamento de Sião foi considerado por algumas pessoas um esforço malsucedido e inútil. Um irmão de Kirtland, que não teve fé para se unir voluntariamente ao acampamento, ao encontrar Brigham Young por ocasião de seu retorno do Missouri, perguntou-lhe: “Bem, o que vocês ganharam nessa jornada inútil ao Missouri com Joseph Smith?” “Tudo o que pretendíamos”, respondeu prontamente Brigham Young. “Eu não trocaria a experiência que adquiri nessa expedição por todas as riquezas do Condado de Geauga”, o condado onde na época se situava Kirtland.¹

Convido-os a pensar seriamente na resposta dada por Brigham Young: “Tudo o que pretendíamos”. Quais são as coisas principais que podemos aprender com uma tarefa que não atingiu seu propósito, mas deu aos santos daquela época e pode nos assegurar as bênçãos da vida eterna?

Creio afinal que encontramos duas grandes lições na

resposta do irmão Brigham àquela pergunta inconveniente: (1) a lição de testar, de separar o joio do trigo e de preparar; e (2) a lição de observar e seguir os líderes e de aprender com a experiência deles. Enfatizo que essas lições são tão importantes, se não são mais importantes, para nós aprendermos e aplicarmos em nossa vida hoje como o foram há cerca de 180 anos para os voluntários do Acampamento de Sião.



A Lição de Testar, Separar e Preparar

Os santos fiéis que marcharam no exército do Senhor foram testados e provados. Como declarou o Senhor: “Ouvi suas orações e aceitarei sua oferta; a mim convém que sejam trazidos até aqui para uma prova de sua fé” (D&C 105:19).

De modo literal, os desafios físicos e espirituais do Acampamento de Sião constituíram uma separação entre o joio e o trigo (ver Mateus 13:25, 29–30; D&C 101:65), a divisão entre as ovelhas e os bodes (ver Mateus 25:32–33), uma separação entre os fortes e os fracos espiritualmente. Além disso, cada homem e cada mulher que se alistou no exército do Senhor deparou-se com uma pergunta incisiva e precisou responder a ela: “Quem segue ao Senhor?”²

Enquanto Wilford Woodruff estava resolvendo seus assuntos profissionais e preparando-se para se unir ao Acampamento de Sião, seus amigos e vizinhos lhe disseram que não participasse dessa viagem arriscada. Eles o aconselharam: “Não vá, a menos que queira perder a vida”. Ele respondeu: “Se eu soubesse que seria atingido por uma bala que atravessaria meu coração no primeiro passo que eu desse no Missouri, eu iria”.³ Wilford Woodruff sabia que não precisava temer as consequências do mal contanto que fosse fiel e obediente. Ele claramente estava do lado do Senhor.

De fato: “Hoje podemos ver”⁴ aqueles homens e mulheres fiéis que viveram em meados de 1834. No entanto, a decisão de marchar com o Profeta Joseph rumo ao Missouri não foi necessariamente uma resposta única, abrangente ou imediata à pergunta “Quem Segue ao Senhor?” Hoje podemos ver que aqueles santos demonstraram que seguiam ao Senhor frequente e repetidamente em meio à fadiga mental e física, com bolhas de sangue nos pés, comida inadequada e água impura, em meio a muitas decepções, dissensões e rebeliões dentro do acampamento e por ameaças externas de inimigos maldosos.

Eles mostraram que seguiam ao Senhor por meio das experiências e das privações de cada hora, de cada dia



“Temos muitas pessoas que sentem que são bons homens e boas mulheres, mas precisam ser bons em algo.”

e de cada semana. A grande combinação de muitos atos e de muitas escolhas aparentemente pequenas na vida desses fiéis santos é o que responde de maneira contundente à pergunta: “Quem segue ao Senhor?”

De que maneira o teste e a separação que ocorreram na vida dos que participaram do Acampamento de Sião serviram de preparação? É interessante observar que oito dos irmãos chamados para o Quórum dos Doze Apóstolos em 1835, bem como todos os setentas chamados na mesma época, foram veteranos do Acampamento de Sião. Em uma reunião logo após o chamado dos setentas, o Profeta Joseph Smith declarou:

“Irmãos, alguns de vós estais zangados comigo, por não haverdes lutado no Missouri, mas quero dizer-vos que o Senhor não desejava que lutásseis. Ele não poderia organizar Seu reino com 12 homens para abrir as portas do evangelho para as nações da Terra e com 70 homens sob a direção deles para seguir-lhes os passos a menos que Ele os tirasse de um corpo de homens que oferecera a própria vida e que fizera um sacrifício tão grande quanto o de Abraão.

Agora, o Senhor tem Seus Doze e Seus Setenta, e haverá outros Quóruns dos Setentas chamados”.⁵

De fato, o Acampamento de Sião foi o fogo refinador para todos os voluntários e particularmente para muitos líderes futuros da Igreja do Senhor.

As experiências adquiridas pelos voluntários do exército do Senhor também foram uma preparação para uma grande migração futura de membros da Igreja. Mais de 20 pessoas que participaram do Acampamento de Sião tornaram-se capitães e tenentes em dois grandes êxodos — o primeiro, quatro anos depois, que foi a partida de 8 mil a 10 mil pessoas de Missouri para Illinois;⁶ e o segundo, 12 anos depois, foi o grande deslocamento de aproximadamente 15 mil santos dos últimos dias de Illinois para o Lago Salgado e para outros vales nas Montanhas Rochosas. Como um treinamento preparatório, o Acampamento de Sião foi de grande valia para a Igreja. O ano de 1834 foi o ano em que os santos mostraram que seguiam ao Senhor — e foi uma preparação para os anos de 1838 e de 1846.

Como famílias e indivíduos, também seremos testados, selecionados e preparados, assim como o foram os membros do Acampamento de Sião. As escrituras e os ensinamentos dos apóstolos estão repletos de promessas de que a fé no Senhor Jesus Cristo, o agir, o honrar e o recordar os

convênios sagrados, e a obediência aos mandamentos de Deus vão nos fortalecer e nos preparar para enfrentar as provações e os testes da mortalidade, para vencê-los e para aprender com eles.

Os líderes da Igreja do Senhor identificam claramente algumas das provações coletivas ou de gerações que podemos encontrar em nossos dias e em nossa geração. Como Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos em 1977, o Presidente Ezra Taft Benson (1899–1994) levantou uma voz profética de advertência em uma reunião com os representantes regionais. Cito agora extensivamente a mensagem do Presidente Benson e convido-os a ficar atentos a seu conselho oportuno:

“Cada geração tem seus testes e a chance de se manter firme e provar a si mesma. Você sabe qual é um de nossos testes mais difíceis? Observe as palavras de Brigham Young: ‘O pior medo que tenho em relação a essas pessoas é que venham a enriquecer neste país, esquecer-se de Deus e de Seu povo, tornarem-se preguiçosos, abandonar a Igreja e ir para o inferno. Essas pessoas vão resistir às investidas das turbas, aos roubos, à pobreza e a toda sorte de perseguição e permanecerão fiéis. Entretanto meu maior medo é que não consigam resistir à riqueza’”.

O Presidente Benson continua: “Parece que é aí que está a nossa prova mais difícil, pois são males mais sutis e insidiosos. Tudo parece menos ameaçador e mais difícil de detectar. Enquanto todas as provas de retidão exigem esforço, essa prova em particular não parece ser uma prova, não há esforço e por isso mesmo ela bem pode ser a mais enganosa de todas as provas.

Sabem o que a paz e a prosperidade podem fazer com as pessoas? Podem fazer com sejam menos vigilantes. O Livro de Mórmon nos adverte de como Satanás, nos últimos dias, poderia nos conduzir cuidadosamente ao inferno. O Senhor tem na Terra gigantes espirituais em potencial, os quais Ele reservou por 6 mil anos para ajudar a liderar o reino triunfantemente, e o diabo tenta fazer com que eles sejam menos vigilantes. O adversário sabe que provavelmente não vai conseguir levá-los a cometer pecados grandes e graves. Então faz com que fiquem

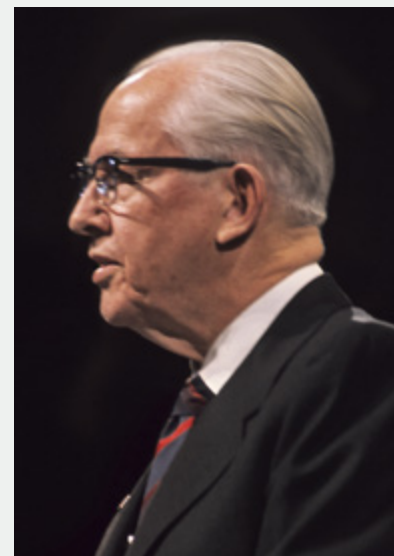
adormecidos, como Gulliver, enquanto os amarra com os pequenos pecados de omissão. E de que serve um gigante adormecido, neutralizado e indiferente como líder?

“Temos muitos gigantes espirituais em potencial que deveriam ser mais ativos em elevar seu lar, o reino e o país. Temos muitas pessoas que sentem que são bons homens e boas mulheres, mas precisam ser bons em algo — patriarcas fortes, missionários corajosos, oficiais do templo e historiadores da família valentes, patriotas dedicados, membros de quórum devotados. Lições do Acampamento de Sião, precisamos ser chacoalhados e ser acordados do sono espiritual.”⁷

Pensem que a abundância, a prosperidade e a facilidade podem ser uma provação hoje em dia igual ou ainda mais intensa do que a perseguição e as dificuldades enfrentadas pelos santos que se dispuseram a marchar no Acampamento de Sião. Como o Profeta Mórmon descreveu em seu excelente resumo do ciclo do orgulho relatado em Helamã 12:

“E assim podemos ver quão falso e também quão inconstante é o coração dos filhos dos homens; sim, podemos ver como o Senhor, na grandeza de sua infinita bondade, abençoa e faz prosperar os que colocam nele a sua confiança.

Sim, e vemos que é justamente quando ele faz prosperar seu povo, sim, aumentando seus campos, seu gado e seus rebanhos e ouro e prata e toda sorte de coisas preciosas de todo tipo e de todo estilo, preservando-lhes a vida e livrando-os das mãos de seus inimigos, abrاندando o coração dos inimigos para que não lhes façam guerra; sim, e, em resumo, fazendo tudo para o bem e a felicidade de seu povo; sim, então é quando endurecem o coração, esquecendo-se do Senhor seu Deus e pisando o Santíssimo — sim, e isto em virtude de seu conforto e de sua enorme prosperidade” (Helamã 12:1–2).



Convido-os a prestar atenção em especial na frase final do último versículo: “e isto em virtude de seu conforto e de sua enorme prosperidade”.

O Presidente Harold B. Lee (1899–1973) da mesma maneira ensinou sobre o problema da facilidade que todos enfrentamos em nossos dias: “Somos provados, somos testados, estamos passando por uma das provas mais graves hoje em dia e não percebemos talvez a gravidade dela. Naqueles dias havia assassinatos, violência, exílio. Foram forçados a fugir para o deserto, estavam famintos, desnudos e com frio. Vieram para esta terra favorecida. Somos os herdeiros do legado que eles nos deixaram. Mas o que estamos fazendo com ele? Hoje desfrutamos de tal luxo nunca antes visto na história do mundo. Parece-me que essa provavelmente é a prova mais rigorosa que já se viu na história desta Igreja”.⁸

Esses ensinamentos dos profetas modernos e antigos sobre os dias de testes e provas seriam sérios e solenes. No entanto, não devem ser desanimadores, e não devemos temer. Para os que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir, as advertências espirituais levam ao aumento da vigilância cuidadosa. Vivemos em um “dia de advertência” (D&C 63:58). E como já fomos advertidos e continuaremos a sê-lo, precisamos estar, como admoestou o Apóstolo Paulo: “Vigiando (...) com toda a perseverança” (Efésios 6:18). Se vigiarmos e nos prepararmos devidamente, não precisamos temer (ver D&C 38:30).

Quem segue ao Senhor? Esta é a época de mostrar que temos a mente e o coração que aceitam e estarão atentos a essas advertências inspiradas. Esta é a época de mostrar que estamos vigilantes e nos preparando para resistir aos desafios provenientes da prosperidade e do orgulho, da abundância e da facilidade, dos corações endurecidos e do esquecimento do Senhor e de nosso Deus. Esta é a época de mostrar que seremos honestos em todos os momentos e em todas as coisas que o Pai Celestial e Seu Filho Amado nos confiaram — e que vamos

guardar os mandamentos de Deus e andar em retidão perante Ele (ver Alma 53:20–21).

A Lição de Observar e Seguir os Líderes e Aprender com Eles

Os santos fiéis do exército do Senhor foram abençoados por observar e seguir os apóstolos, e aprender com eles. E hoje podemos grandemente nos beneficiar do exemplo e da fidelidade dos membros dedicados do Acampamento de Sião.

Atendendo ao conselho de Parley P. Pratt, Wilford Woodruff viajou para Kirtland, Ohio, em abril de 1834 para se unir ao Acampamento de Sião. O relato do irmão Woodruff a respeito de seu primeiro encontro com Joseph Smith é instrutivo para todos nós:

“Aqui, pela primeira vez na vida, encontrei-me e tive uma entrevista com nosso amado Profeta Joseph Smith, o homem a quem Deus havia escolhido para receber Suas revelações nestes últimos dias. Minha primeira impressão não foi condizente com a ideia comumente preconcebida de como seria um profeta e qual seria sua aparência. Deve ter sido um choque para a fé de alguns homens. Encontrei-o com seu irmão Hyrum atirando em um alvo com um par de pistolas na cinta. Quando pararam de atirar, fui apresentado ao irmão Joseph, que me cumprimentou entusiasticamente com um aperto de mão. Convidou-me para ficar em sua casa durante o período de minha estada em Kirtland. Aceitei prontamente o convite e fui grandemente edificado e abençoado durante o período em que estive com ele”.⁹

Considero relevante que o irmão Woodruff, que morou por um tempo na casa do Profeta e sem dúvida teve uma oportunidade extraordinária de observá-lo na rotina da vida diária, tenha sido abençoado com olhos para ver além da “ideia comumente preconcebida de como seria um profeta e qual sua aparência”. Essas noções falsas turvam a visão de muitas pessoas no mundo de hoje, tanto dentro como fora da Igreja restaurada do Senhor.

Devido a meu chamado em 2004 para servir no Quórum dos Doze Apóstolos, tenho uma perspectiva claramente distinta sobre o que significa observar e seguir os apóstolos, e aprender com eles. Agora vejo diariamente



É importante que todos nós nos lembremos de que podemos aprender com os ensinamentos dos apóstolos e por meio dos exemplos de sua vida.

as personalidades individuais, as várias preferências e o caráter nobre dos líderes da Igreja. Algumas pessoas consideram as limitações humanas das Autoridades Gerais preocupantes e inconvenientes para nossa fé. Para mim, essas imperfeições promovem a fé. O padrão de governo revelado pelo Senhor em Sua Igreja leva em conta e atenua o impacto das fraquezas humanas. É de fato um milagre para mim testemunhar o Senhor realizando Sua vontade por meio de Seus servos a despeito das imperfeições e das fraquezas de Seus líderes escolhidos. Esses homens nunca declararam ser perfeitos nem o são; entretanto, certamente foram chamados por Deus.

Wilford Woodruff, um sacerdote na época em que acompanhou o exército do Senhor, declarou tempos depois enquanto servia como membro do Quórum dos Doze Apóstolos: “Adquirimos a experiência que jamais teríamos obtido de qualquer outra maneira. Tivemos o privilégio de (...) viajar mais de 1.500 quilômetros com [o Profeta] e ver o Espírito de Deus agir por meio dele, ver as revelações de Jesus Cristo dadas a ele e o cumprimento dessas revelações. (...) Se eu não tivesse participado do Acampamento de Sião, jamais estaria aqui hoje”.¹⁰

No último domingo de abril de 1834, Joseph Smith convidou alguns líderes da Igreja para falar aos voluntários do Acampamento de Sião reunidos em uma escola. Depois que os irmãos haviam concluído a mensagem, o Profeta levantou-se e expressou que havia sido edificado pelas instruções. Em seguida, profetizou:

“Quero dizer-lhes, porém, perante o Senhor, que não sabem acerca dos destinos desta Igreja e deste reino mais do que uma criancinha no regaço materno. Não o compreendem. (...) Estão vendo apenas um pequeno grupo de portadores do sacerdócio hoje aqui, mas esta Igreja encherá a América do Norte e do Sul e o mundo todo”.¹¹

Homens como Brigham Young, Heber C. Kimball, Orson Pratt e Wilford Woodruff ouviram e aprenderam muito com o Profeta naquela noite — e os anos seguintes ajudaram a cumprir seu pronunciamento profético. Que grandiosas oportunidades esses homens tiveram de observar e seguir o Profeta e aprender com ele.

É importante que todos nós nos lembremos de que podemos aprender com os ensinamentos dos apóstolos e por meio dos exemplos de sua vida. Dada a visão majestosa do crescimento futuro da Igreja descrito pelo Profeta Joseph Smith, pensem agora no poder de seu exemplo

“Quem Segue ao Senhor?” Esta é a época de mostrar que atendemos aos conselhos dos apóstolos e profetas vivos de Deus.



peçoal ao desempenhar as tarefas terrenas rotineiras, porém essenciais. George A. Smith descreveu em seu diário a reação do Profeta aos desafios diários da marcha rumo ao Missouri.

“O Profeta Joseph Smith sentiu a exaustão de toda a jornada. Além do cuidado em prover o sustento do acampamento e presidi-lo, caminhou a maior parte do tempo com bolhas, sangue e feridas nos pés. (...) No entanto, durante toda a viagem nunca murmurou nem reclamou, enquanto a maioria dos homens do acampamento se queixava de suas feridas nos pés, das bolhas, dos longos trajetos, da exiguidade das provisões, da má qualidade do pão, dos bolinhos ruins, da manteiga malcheirosa, do mel açucarado, do bacon e dos queijos estragados, etc., até mesmo um cão não podia latir para alguns homens, pois iam reclamar com Joseph. Se tinham que acampar sem água limpa, era quase motivo de rebelião, ainda assim éramos o Acampamento de Sião, e muitos não oravam, eram negligentes, descuidados, desatentos, tolos ou diabólicos, e não o sabíamos. Joseph tinha que nos suportar e nos orientar, como crianças.”¹²

Joseph foi um exemplo notável do princípio ensinado por Alma: “Porque o pregador não era melhor que o

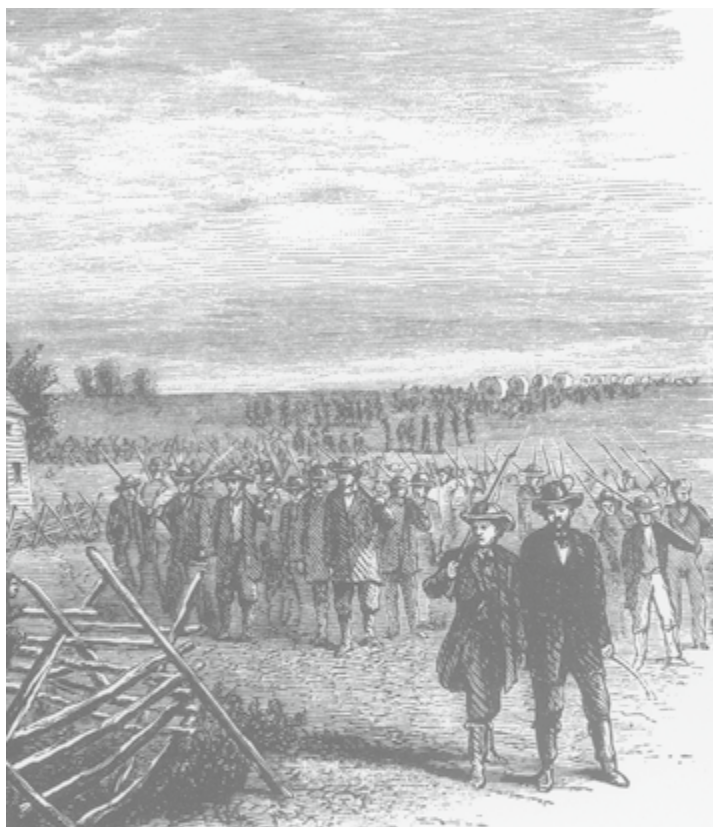
ouvinte nem o mestre melhor que o discípulo; (...) e todos trabalhavam, cada um de acordo com suas forças” (Alma 1:26).

Desde meu chamado como Autoridade Geral, tenho tentado observar e aprender com alguns dos meus irmãos que enfrentaram os efeitos da idade ou das demandas implacáveis das limitações físicas e dores constantes. Vocês não sabem nem nunca saberão do sofrimento calado e particular vivido por alguns desses homens ao servir publicamente com todo o seu coração, poder, mente e força. Servir com o Presidente Gordon B. Hinckley (1910–2008), com o Presidente James E. Faust (1920–2007), com o Élder Joseph B. Wirthlin (1917–2008), com o Presidente Boyd K. Packer (1924–2015), com o Élder L. Tom Perry (1922–2015), com o Élder Richard G. Scott (1928–2015) e com meus outros irmãos do apostolado e observá-los confere a mim o poder de declarar claramente e com autoridade que os irmãos com os quais sirvo são guerreiros — nobres e grandes guerreiros espirituais — no mais verdadeiro e admirável sentido da palavra! Sua paciência, persistência e coragem permitem-lhes “prosseguir com firmeza em Cristo” (2 Néfi 31:20), um exemplo que devemos seguir.

O Presidente Lee advertiu-nos de um teste coletivo que está se tornando cada vez mais comum nesta geração: “Estamos passando por outro teste — um período que podemos chamar de sofisticação. É a época em que há muitas pessoas inteligentes que não estão dispostas a ouvir os humildes profetas do Senhor. (...) É um teste ainda mais sério”.¹³

O teste da sofisticação é companheiro do teste da prosperidade e da facilidade. Como é importante para cada um de nós observar e seguir os apóstolos e aprender com eles.

“Quem segue ao Senhor?” Esta é a época de mostrar que seguimos ao Senhor ouvindo e acatando os conselhos dos apóstolos e profetas vivos de Deus nestes últimos dias para supervisionar e dirigir Sua obra na Terra. Agora é a época de mostrar que cremos que a palavra de Deus “não passará, mas será toda cumprida, seja pela [Sua] própria voz ou pela voz de [Seus] servos, é o mesmo” (D&C 1:38). Hoje iremos ver. O tempo é agora!



Nosso Acampamento de Sião

Haverá ocasiões em nossa vida em que seremos chamados a marchar em nosso próprio Acampamento de Sião. A época em que seremos chamados varia, e os obstáculos particulares que venhamos a encontrar em nossa jornada serão diferentes. Mas nossa atitude contínua e consistente diante desse inevitável chamado constituirá a resposta à pergunta: “Quem segue ao Senhor?”

A época de mostrar é agora, hoje, amanhã e sempre. Que sempre nos lembremos das lições relacionadas aos testes, à separação e à preparação, e também observemos e sigamos os apóstolos e aprendamos com eles. ■

Extraído de um discurso do devocional da Semana da Educação: “Who’s on the Lord’s side? Now Is the Time to Show” [Quem Segue ao Senhor? Hoje Podemos Ver], proferido na Universidade Brigham Young–Idaho, em 30 de julho de 2010.

NOTAS

1. Brigham Young, em B. H. Roberts, *A Comprehensive History of the Church* [História Abrangente da Igreja], vol. 1, pp. 370–371.
2. “Quem Segue ao Senhor?”, *Hinos*, nº 150.
3. *The Discourses of Wilford Woodruff* [Discursos de Wilford Woodruff], ed. G. Homer Durham, 1946, p. 306.
4. “Quem Segue ao Senhor?”, *Hinos*, nº 150.
5. Joseph Smith, em Joseph Young Sr., *History of the Organization of the Seventies* [História da Organização dos Setentas], 1878, p. 14; ver também *History of the Church* [História da Igreja], vol. 2, p. 182.
6. Ver Alexander L. Baugh, “From High Hopes to Despair: The Missouri Period, 1831–1839” [Da Esperança ao Desespero: O Período no Missouri, 1831–1839], *Ensign*, julho de 2001, p. 44.
7. Ezra Taft Benson, “Our Obligation and Challenge” [Nossa Obrigação e Nosso Desafio], Seminário para Representantes Regionais, 30 de setembro de 1977, pp. 2–3; documento não publicado.
8. Harold B. Lee, “Christmas address to Church employees” [Devocional de Natal para funcionários], 13 de dezembro de 1973, pp. 4–5; documento não publicado.
9. Wilford Woodruff, em Matthias F. Cowley, *Wilford Woodruff: History of His Life and Labors* [História da Vida e do Trabalho de Wilford Woodruff], 1909, p. 39.
10. Wilford Woodruff, em *The Discourses of Wilford Woodruff*, [Discursos de Wilford Woodruff], p. 305.
11. Joseph Smith em *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Wilford Woodruff*, 2004, pp. 25–26; ver também Joseph Smith, citado por Wilford Woodruff, Conference Report, abril de 1898, p. 57.
12. George A. Smith, “My Journal” [Meu Diário], *Instructor*, maio de 1946, p. 217.
13. Harold B. Lee, “Sweet Are the Uses of Adversity” [Doces São os Propósitos da Adversidade], *Instructor*, junho de 1965, p. 217.

Aprender a Ouvir

OS PRIMEIROS RAMOS COM INTEGRAÇÃO RACIAL NA ÁFRICA DO SUL

Matt McBride e James Goldberg

Departamento de História da Igreja

Os olhos de Frans Lekqwati, de 56 anos, encheram-se de lágrimas ao conversar com Olev Taim, seu presidente de estaca. O Presidente Taim acabara de perguntar-lhe o que achava da criação de um ramo da Igreja em sua cidade natal, Soweto, África do Sul.

“Por que está chorando? Ofendi você?”, perguntou o Presidente Taim.

“Não”, respondeu Frans. “Esta é a primeira vez na África do Sul que um homem branco pediu minha opinião antes de tomar uma decisão.”

A Vida sob o Regime do Apartheid

O ano era 1981. Na época, os negros e brancos na África do Sul eram segregados sob um sistema de leis conhecido como apartheid. Essa separação legal, acrescida da restrição da Igreja impedindo que os negros africanos fossem ordenados ao sacerdócio, tinha por muito tempo



Acima: Uma praia é designada como uma área somente para brancos sob as rigorosas práticas do apartheid na África do Sul. À direita: Um protesto em 1952 em Joanesburgo exigindo liberdade e igualdade.



constituído um freio para o crescimento da Igreja entre os negros sul-africanos. Um novo dia raiou em 1978 quando o Presidente Spencer W. Kimball recebeu a revelação que suspendia a restrição do sacerdócio, mas os desafios da segregação e a cultura da desconfiança entre as raças continuaram.

A grande maioria dos negros sul-africanos morava em guetos, geralmente construídos na periferia das cidades predominantemente brancas, como Joanesburgo. Soweto, abreviação de South Western Townships (municípios do Sudoeste), era o maior. Os brancos raramente iam aos guetos e os negros que iam às cidades raramente eram tratados com igualdade pelos brancos.

Frans e sua família faziam parte de um pequeno grupo de Soweto que havia abraçado o evangelho restaurado durante a década de 1970. No início, frequentavam a Ala Joanesburgo. O filho de Frans, Jonas, lembra que acordava às 4 horas da madrugada para que sua família pudesse pegar o primeiro trem para Joanesburgo e depois fazer a

“Nós podíamos não concordar com o que acontecia fora da Igreja, mas concordávamos sobre a doutrina.”

Ser pioneiro da integração racial também pode ser um desafio emocional. Josiah Mohapi lembrou-se de ter ouvido um menino branco de 6 anos de idade dizer algo ofensivo sobre as pessoas negras que encontrou na Igreja.

longa caminhada até a capela antes do início das reuniões às 9 horas da manhã. A família sempre chegava cedo — embora às vezes fosse difícil para as crianças permanecerem acordadas durante a Primária!



Primeira presidente negra da Sociedade de Socorro da África do Sul, Julia Mavimbela, participa da abertura de terra para a nova capela do Ramo Soweto em 1991. (Ver a história dela no artigo a seguir.)

“Para ser honesto, fiquei muito bravo”, recorda Josiah. Mas então, ele ouviu a mãe dizer ao filho: “A Igreja é para todos”. Consolado pela lembrança, Josiah se acalmou.

Um Ramo em Soweto?

O Presidente Taim estava ciente dos desafios físicos e emocionais que os membros negros enfrentavam. Ele pensou em iniciar um ramo em Soweto para tornar a viagem mais fácil para eles, mas não queria fazê-los sentir-se como se fossem indesejáveis em Joanesburgo. Decidiu entrevistar os membros de Soweto, como Frans, para avaliar seus sentimentos antes de agir. Deram-lhe uma resposta clara: “Adoraríamos estabelecer a Igreja em Soweto”.

O Presidente Taim identificou líderes experientes que poderiam ajudar a orientar os recém-convertidos. Entrevistou mais de 200 membros em Joanesburgo e finalmente chamou 40 para integrarem o novo ramo por um período suficiente para ajudar a treinar um grupo pioneiro de líderes locais.

Da mesma forma que os membros negros tinham precisado atravessar a cidade e imergir em outra cultura para frequentar a Ala Joanesburgo, os membros brancos tiveram

que se ajustar a um novo ambiente e cultura enquanto serviam em Soweto. As coisas nem sempre ocorreram com tranquilidade. Maureen van Zyl, uma irmã branca que havia sido chamada para servir como presidente da Primária, não viu problema algum em escolher o hino nacional sul-africano da época como a música de abertura na reunião da Sociedade de Socorro uma semana. Logo ela percebeu, porém, que os negros sul-africanos viam o hino como um símbolo do apartheid e que muitas irmãs negras ficaram ofendidas com a escolha da música.

Tanto os membros negros como os brancos poderiam facilmente ficar desanimados por tais mal-entendidos, mas, em vez disso, escolheram vê-los como uma oportunidade para o debate e o aperfeiçoamento. “Compartilhamos todo tipo de coisas”, lembrou Maureen. “Como negros, o que seria ofensivo e como brancos, o que acharíamos ofensivo. Como eles faziam certas coisas e como nós fazíamos certas coisas. Então foi um momento maravilhoso de aprendermos juntos.”

Conforme o ramo em Soweto crescia e ficava mais forte, iniciaram-se novos ramos em outros municípios de maioria negra usando o mesmo modelo. Khumbulani Mdletshe era um jovem que vivia no município de KwaMashu, perto de Durban. Quando se filiou à Igreja em 1980, trouxe consigo crenças sobre as pessoas brancas comuns a quase todos os jovens negros da África do Sul naquela época. Mas suas experiências de adoração em um ramo integrado mudaram sua perspectiva.

A “Cola” Que Une as Pessoas

Em 1982, Khumbulani e vários outros rapazes de seu ramo foram convidados a participar de uma conferência de

jovens adultos solteiros. Seu presidente de ramo, um irmão branco chamado John Manford, queria que os rapazes tivessem a melhor aparência possível embora poucos tivessem roupas boas. Ele esvaziou seu armário, distribuindo roupas para os rapazes, que as usaram na conferência. No domingo seguinte, o Presidente Manford usou o terno que havia emprestado a Khumbulani. “Eu não conseguia imaginar uma pessoa branca usando as mesmas roupas que foram usadas por mim”, Khumbulani relembrou, “mas lá estava ele. Ele começou a me ajudar a ver as pessoas brancas de um modo diferente do que eu via antes”.

Agora um setenta autoridade de área, o Élder Mdletshe observou: “Todos nós precisamos dessas experiências vividas que nos farão mudar”.

O apartheid na África do Sul terminou em 1994. Embora muitas congregações hoje existam em sua



A bandeira da África do Sul foi adotada em 1994 como símbolo de união pós-apartheid. O preto, o amarelo e o verde representam o Congresso Nacional Africano e o vermelho, o branco e o azul representam as Repúblicas Bôeres.



maioria em áreas com negros ou em áreas com brancos, a maior liberdade significa que um número crescente de áreas está misturado. Como os pioneiros dos primeiros ramos dos guetos, os membros de origens diferentes adoram e trabalham juntos para edificar o reino de Deus.

O atual presidente de estaca de Soweto, Thabo Lebethoa, descreve o evangelho como uma “cola” que une as pessoas em momentos de divisão. “Nós podíamos não concordar com o que acontecia fora da Igreja, com a política e outras coisas”, comentou ele, “mas concordávamos sobre a doutrina”. Ao trabalhar a partir desse alicerce compartilhado, as pessoas podem aprender com as diferenças umas das outras ao se aconselharem com cuidado e ouvirem com sensibilidade espiritual. “Uma das coisas mais importantes na liderança é ouvir as pessoas”, aconselha o Presidente Lebethoa. “Ouça para conseguir entender. Ouça para conseguir sentir. Ouça para conseguir receber inspiração.”

Thoba Karl-Halla, filha de Julia Mavimbela, uma das primeiras pessoas a se tornar membro do Ramo Soweto,

concorda que ouvir ajuda a impedir que o conflito inevitável se transforme em divisão dolorosa. “Eu tinha que ouvir de uma forma que me levasse a entender as frustrações da pessoa que talvez pudessem soar como ofensas para mim”, diz ela.

O Élder Mdletshe exorta hoje os santos da África do Sul a encontrar forças na diversidade, principalmente nas reuniões de conselho. “O Senhor teria gostado disso”, observa ele, “ver pessoas de todas as classes sociais sentadas ao redor da mesa, conversando sobre os problemas”. Seu chamado aos líderes locais em toda a Igreja é para continuarem a edificar os líderes de diferentes origens, da mesma maneira que uma geração passada o apoiou. Ao tentar conquistar novas áreas e novos grupos, ele observa: “Você não vai encontrar pessoas experientes. Mas você constrói experiências na Igreja. Constrói experiências fazendo com que as pessoas participem mesmo sem experiência e fazendo com que trabalhem juntas”. ■

As citações foram tiradas de entrevistas realizadas pelos autores em 2015.

Curar o Amado País: A Fé de Julia Mavimbela

Matthew K. Heiss

Departamento de História da Igreja

A vida de Julia Mavimbela mudou repentinamente em 1955 quando seu marido, John, morreu em um acidente automobilístico. A perícia no local indicou que a outra pessoa envolvida, um homem branco, tinha invadido a pista de John. Contudo, aquele homem não foi julgado culpado. Em vez disso, os policiais brancos disseram que os negros eram maus motoristas, então John foi responsabilizado pelo acidente.¹

Julia tinha 37 anos, quatro filhos e outro a caminho. Ela tinha sido lesada pelo racismo, pela polícia e pelo sistema de justiça. Mas, por fim, aprendeu a não ceder à amargura, em vez disso passou a vida esforçando-se para ser curada e curar seu amado país por meio do serviço cristão. Foi seu amor pela terra, sua fé em Deus e sua dedicação em viver de acordo com os princípios de sua fé que tornaram isso possível.

Julia nasceu em 1917, era a última de cinco filhos. Seu pai faleceu quando ela tinha 5 anos. Sua mãe criou os filhos sozinha, trabalhando como lavadeira e empregada doméstica.

A mãe de Julia era uma mulher religiosa que ensinava seus filhos de acordo com a Bíblia. “Minha mãe me ensinou a engolir as pílulas amargas



Julia conheceu John em 1946 e casou-se com ele no mesmo ano.

da vida e me incentivou a nunca olhar para trás, mas para a frente”, disse Julia. A mãe de Julia também entendia a importância dos estudos e fez tudo o que pôde com seus recursos limitados para ver seus filhos receberem educação formal.

Julia recebeu mais instrução e estudou mais. Trabalhou como professora e diretora de escola até conhecer John Mavimbela em 1946 e casar-se com ele. John era dono de uma mercearia e de um açougue. Ela abandonou sua carreira para trabalhar com ele. Juntos construíram uma casa e tiveram filhos. Apesar das restrições do apartheid, a vida era boa. No entanto, tudo mudou com a morte de John.

Na lápide de seu marido, Julia gravou estas palavras:

*Em memória de
John Phillip Corlie Mavimbela.
De sua esposa e seus parentes.
Mas o rancor permanece.
Que sua alma descanse em paz.*

Descrevendo a quarta linha, Julia disse: “No momento em que escrevemos, o rancor que permanecia era o ódio e a amargura — pelo homem que causou o acidente, pelo policial que mentiu [e] pelo tribunal que considerou meu marido responsável pelo acidente que tirou sua vida”.² Uma

de suas maiores provações foi vencer essa amargura e raiva.

Pouco depois da morte do marido, em uma noite de “sono perturbado”, Julia teve um sonho em que John apareceu para ela, entregou-lhe alguns macacões e disse: “Vá trabalhar”. Descrevendo o resultado desse sonho, ela disse: “Encontrei uma maneira de me afastar das preocupações desses anos, e foi por meio da participação na comunidade”.

Vinte anos mais tarde, em meados da década de 1970, a reação dos negros ao apartheid passou de protestos pacíficos a explosões violentas. Um dos focos de tensão para a violência foi Soweto, onde Julia vivia. Ela disse: “Soweto tornou-se diferente de qualquer lugar que havia conhecido, era como se estivesse em um campo de batalha”.

Julia temia que suas feridas de amargura reabrissem: “Haviam-se passado mais de 20 anos desde a morte de John, mas ainda podia sentir a dor daquele tempo”. Em um esforço para buscar a cura, para si mesma e para seu povo, Julia pensou: “Talvez se eu puder ensinar as crianças a amar



Abaixo: Durante o apartheid, Julia começou uma horta comunitária para ensinar as crianças que “nem tudo está perdido”. À direita: Julia em seu traje típico zulu e servindo no Templo de Joanesburgo África do Sul.



trabalhar no solo, nem tudo estará perdido”. Ela estabeleceu uma horta comunitária que simbolizava esperança para as pessoas que conheciam só o medo e a raiva.

Ao trabalhar com as crianças em sua horta comunitária, ela lhes ensinava: “Vamos cavar o solo da amargura, jogar uma semente de amor e ver que frutos vai nos dar. (...) O amor não virá sem perdoar às pessoas”.

Ela disse: “Sabia no fundo do meu coração que eu estava rompendo o solo da minha própria amargura enquanto perdoava àqueles que tinham me ferido”. O sentimento de amargura que permaneceu após a morte de John começara a desaparecer.

Em 1981, Julia conheceu a Igreja. Os missionários, que estavam prestando serviço comunitário em Soweto, encontraram um clube de meninos que necessitava de reparos urgentes. Por várias semanas, limpavam as instalações.³

Certo dia, Julia foi chamada para servir no mesmo clube de meninos. Quando chegou, ficou surpresa ao ver “dois rapazes brancos lançando pás na terra marrom”. Os missionários perguntaram se poderiam ir à sua casa e compartilhar uma mensagem. Três dias depois, os Élderes David McCombs e Joel Heaton apareceram vestindo suas roupas missionárias e plaquetas.

Julia disse que as duas primeiras lições missionárias “entraram por um

ouvido e saíram pelo outro”. Mas, na terceira visita, os missionários perguntaram sobre uma fotografia de Julia e John, em sua parede. Ela mencionou que seu marido estava morto e os missionários sentiram-se inspirados a falar-lhe sobre o Plano de Salvação e sobre o batismo pelos mortos. Ela disse: “Então, comecei a ouvir, ouvir de verdade, com o coração. (...) Quando os missionários me ensinaram o princípio dos relacionamentos eternos, tive a sensação de que ali estava a maneira de estar com meus pais e meu marido”. Julia foi batizada cinco meses depois.

Um mês após seu batismo, falou na conferência de estaca. “Quando fui até o púlpito”, disse ela, “acho que a maioria das pessoas teve um choque. Era a primeira vez que viam uma pessoa negra falando na conferência — talvez para alguns era primeira vez na vida que ouviam uma pessoa negra dirigir-se a um público”. Ela sentiu-se inspirada a falar sobre a morte de seu marido e os anos difíceis que tivera. Ela descreveu sua amargura e como ela “finalmente tinha encontrado a Igreja que poderia [ensiná-la] a perdoar”.

Sua luta contra os mal-entendidos e preconceitos, no entanto, não terminou mesmo após o fim do apartheid em 1994.

O Élder Dale G. Renlund, do Quórum dos Doze Apóstolos, em seu discurso na Conferência Geral de abril de 2015, “Santos dos Últimos Dias, Continuem Tentando Fazer o Melhor”, falou sobre um incidente vivido por Julia e sua filha Thoba quando “não estavam sendo tratadas com gentileza por alguns membros brancos”. Thoba queixou-se do tratamento deles. O que poderia facilmente se tornar uma desculpa para deixar a Igreja tornou-se um momento de ensino inestimável. Julia respondeu: “Ah, Thoba, a Igreja é como um grande hospital e todos nós estamos doentes de uma forma ou de outra. Vamos à Igreja para ser ajudados”.⁴

Julia descobriu que a cura era possível por meio do evangelho de Jesus Cristo, não só para si mesma, mas também para sua nação. Seu serviço no Templo de Joanesburgo África do Sul ensinou-lhe que no templo “não há diferença entre as pessoas com base na raça. Não há diferença entre as pessoas porque falam inglês, situ ou zulu. Há um sentimento de unidade”.

Julia Mavimbela morreu em 16 de julho de 2000. ■

NOTAS

1. Exceto quando indicado, as citações foram tiradas do manuscrito não publicado de Laura Harper, “‘Mother of Soweto’: Julia Mavimbela, Apartheid Peace-Maker and Latter-day Saint” [“Mãe de Soweto”: Julia Mavimbela, Pacificadora do Apartheid e Santo dos Últimos Dias], Biblioteca de História da Igreja, Salt Lake City.
2. No texto de Harper em inglês, a palavra *lamp* [lâmpada] é usada em vez de *lump* [nódulo]. Aqui traduzido como rancor. No entanto, Thoba confirmou que a palavra escrita sobre a lápide foi *lump*.
3. De David Lawrence McCombs, entrevista com o autor, 25 de agosto de 2015.
4. Dale G. Renlund, “Santos dos Últimos Dias, Continuem Tentando Fazer o Melhor”, *A Liahona*, maio de 2015, pp. 57–58.



Desideria Yáñez:

UMA PIONEIRA ENTRE AS MULHERES

Clinton D. Christensen

Departamento de História da Igreja

Depois que um sonho a levou para o evangelho restaurado, essa que foi uma das primeiras mulheres convertidas no México tornou-se uma pioneira fiel da Igreja.

Certa noite, no início de 1880, Desideria Yáñez estava dormindo em um confortável povoado nas colinas cobertas de cactos de Nopala, México. Em seu sonho, ela viu um folheto intitulado *Voz de Amonestación* (*Voz de Advertência*), que mudaria sua vida e a ajudaria espiritualmente. Ao acordar, ela sabia que os homens responsáveis pela publicação do folheto estavam na Cidade do México.¹ Ela também percebeu que para ela era fisicamente impossível viajar 120 quilômetros até a cidade, mas estava determinada a seguir a intuição do sonho e encontrar uma solução.

A Fé de uma Família

Desideria conversou sobre o sonho com seu filho José. Ele acreditou nela e viajou para a Cidade do México em seu lugar. Ele começou a conversar ansiosamente com as pessoas e, por fim, conheceu um membro da Igreja, Plotino Rhodakanaty, que o conduziu para o Hotel San Carlos.²

No hotel, José encontrou o Élder James Z. Stewart corrigindo as provas da impressão do folheto *Voz de Amonestación*, de Parley P. Pratt, o mesmo folheto que Desideria tinha visto em seu sonho. Depois que José conversou com o Élder Stewart sobre o sonho de Desideria, o missionário deu a José alguns outros folhetos sobre a Igreja, já que o folheto *Voz de Amonestación* não estava terminado, e o Élder Stewart anotou essa conversa interessante em seu diário.³

Depois de percorrer muitos quilômetros por estradas de terra, José se encontrou com sua mãe. Ao ficar sabendo que o folheto era real, Desideria sabia que o sonho era verdadeiro. Ela estudou cuidadosamente os folhetos que José havia trazido e os ensinamentos básicos do evangelho que eles continham tocaram-lhe a alma. Ela desejou ser batizada.

Encontrados por um Missionário

Como o Élder Stewart ainda estava terminando o folheto *Voz de Amonestación*,



o Élder Melitón Trejo, um missionário da Espanha, foi enviado a Nopala para encontrar Desideria e José. Em 22 de abril de 1880, o Élder Trejo batizou Desideria Quintanar de Yáñez, José Maria Yáñez e a filha de José, Carmen. Desideria foi a 22ª pessoa a ser batizada na missão mexicana e a primeira mulher no México central.⁴

Nesse mesmo mês, José visitou a Cidade do México novamente e voltou para casa com dez exemplares do folheto *Voz de Amonestación*. Desideria finalmente viu o folheto do seu sonho. Para ela o folheto foi um lembrete físico de como o Senhor estendeu a mão para ela pessoalmente e a atraiu para o evangelho restaurado.

O Primeiro Livro de Mórmon em Espanhol

Aos 72 anos, Desideria descobriu que sua saúde estava piorando. Em 1886 ela ficou impossibilitada de sair de sua pequena casa em San Lorenzo, perto de Nopala. Numa terrível noite, ladrões invadiram sua casa, bateram nela e escaparam com 3 mil dólares.⁵ Desideria sobreviveu. Em vez de se desesperar, Desideria esperou com fé pela ajuda do Senhor. Ela já havia aprendido com seu sonho que o Senhor conhecia sua situação.

Então, em outubro de 1886, um apóstolo e dois presidentes de missão visitaram sua área de surpresa. José Yáñez contou-lhes sobre o sofrimento de sua mãe. O apóstolo e os outros líderes foram rapidamente à casa de Desideria. Desideria ficou muito feliz em conhecer o Élder Erastus Snow, do Quórum dos Doze Apóstolos, e vê-lo colocar as mãos sobre sua cabeça para dar-lhe uma bênção do sacerdócio.

Durante a visita deles, o novo presidente de missão, Horace Cummings, surpreendeu Desideria com notícias importantes. Ele lhe disse que a primeira tradução do Livro de Mórmon completo em espanhol estava prestes a ser concluída em Salt Lake City. Desideria rapidamente solicitou um exemplar da escritura a ser publicada em breve.

Um mês depois, o Presidente Cummings voltou à casa de Desideria com um exemplar. Sobre a experiência, ele escreveu: “Visitei a irmã Yáñez, uma senhora inválida, e dei-lhe um Livro de Mórmon que não estava encadernado, que eu havia enviado para Utah para encadernar. Foi o primeiro em espanhol que foi recebido no México. (...) Ela ficou muito contente com ele”.⁶ Essa seria a última visita de um missionário a Desideria durante sua vida.

Isolados, Mas Não Esquecidos

Em 1889, apenas dez anos depois da chegada do evangelho restaurado ao México central, os líderes da Igreja se sentiram inspirados a transferir os recursos limitados da Igreja para o estabelecimento de colônias no norte do México. Os membros perto da Cidade do México, a cerca de 1.600 quilômetros das colônias, sentiram-se como ovelhas sem pastor quando os missionários partiram para o norte. Embora ainda estivesse rodeada por sua família, Desideria sabia que teriam que praticar o evangelho em isolamento. Isso significava que ela jamais teria o benefício de fazer parte da Sociedade de Socorro ou de receber as bênçãos do templo em vida.

Mas ela sabia que o Senhor a conhecia. Por meio de Seus servos, o Senhor tinha manifestado Seu desejo de



ministrar a cada membro de Seu rebanho. Por causa de seu sonho, da bênção do sacerdócio e do Livro de Mórmon, Desideria pôde testificar de sua absoluta certeza de que Deus Se importava com suas necessidades espirituais e materiais. Embora esse conhecimento não impedisse que provações e dificuldades ocorressem em sua vida, deu-lhe a confiança de que o Senhor sempre aliviaria seus fardos.

Um Legado Duradouro

Em 1903, os missionários retornaram para o sul do México, pela primeira vez desde 1886. Encontraram-se com José, que resumiu a perseverança de Desideria até o fim e o legado de fé, dizendo que sua esposa e sua mãe “morreram completamente fiéis ao mormonismo” e que ele tinha a “esperança de morrer no mormonismo”.⁷

Depois de ter seu sonho, Desideria embarcou no caminho do evangelho e tornou-se uma pioneira latina da Igreja. A semente da fé plantada por meio de um sonho em 1880 não foi desperdiçada; ela havia germinado quando Desideria fez o convênio do batismo e suportou suas provações com fé. Teria sido fácil para Desideria enfraquecer-se espiritualmente quando ela e sua família praticaram o evangelho isolados do restante da Igreja, mas ela

perseverou. Ela sabia que Deus Se importava e cuidava de seu pedacinho de mundo.

Embora não pudesse sair de casa, ela se tornou um exemplo de fé, diligência, obediência e coragem não só para sua família, mas também para cada um de nós ao buscarmos levar adiante o espírito pioneiro. ■

NOTAS

1. Ver Alonzo L. Taylor Mission Papers [Documentos de Missão de Alonzo L. Taylor], 10 de julho de 1903, e Mexican Mission Manuscript History and Historical Reports [História dos Manuscritos da Missão Mexicana e Relatórios Históricos], 7 de julho de 1903, Biblioteca de História da Igreja, Salt Lake City.
2. Ver Taylor Mission Papers, 10 de julho de 1903, e James Z. Stewart Papers [Documentos de James Z. Stewart], 17 de fevereiro de 1880, Biblioteca de História da Igreja.
3. Ver Stewart Papers, 17 de fevereiro de 1880.
4. Ver Moses Thatcher, Journal [Diário de Moses Thatcher], 20 de novembro de 1879, e Stewart Papers, 26 de abril e 20 de junho de 1880, Biblioteca de História da Igreja. Desideria foi a primeira mulher batizada depois da abertura da Missão Mexicana em 1879, na Cidade do México. No entanto, um breve esforço missionário na cidade de Hermosillo, no norte do país, em 1877 resultou no batismo de cinco pessoas em um vilarejo próximo, inclusive Maria La Cruz Paros, a primeira pessoa mexicana do sexo feminino convertida. Os registros oficiais da Missão Mexicana criados por Moses Thatcher mostram Desideria Yáñez como a primeira mulher convertida, mas na realidade ela foi a segunda. Ver também Louis Garff Reminiscences [Memórias de Louis Garff], sem data, Biblioteca de História da Igreja.
5. Ver Horace H. Cummings Papers [Documentos de Horace H. Cummings], 24 de outubro de 1886, Biblioteca de História da Igreja.
6. Cummings Papers, 29 de novembro de 1886.
7. Taylor Mission Papers, 10 de julho de 1903.





Criar Nosso Filho

em PARCERIA COM DEUS

Kami Crookston

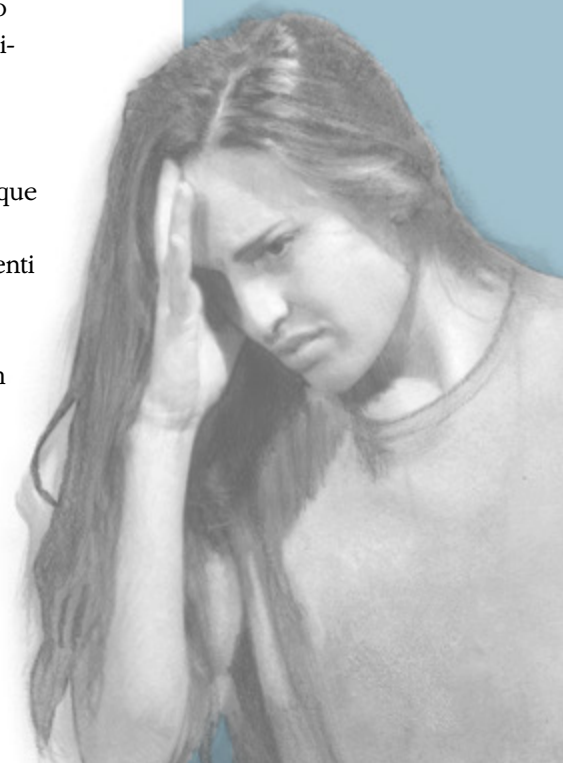
Minha visão de paternidade e maternidade era a de crianças perfeitamente comportadas que estavam sempre muito bem vestidas e nunca se sujavam. Rapidamente me dei conta de que a imagem que eu apreciava era fantasia. Aprendi a aceitar minha casa desarrumada e nariz escorrendo porque sei que eles vêm com as bênçãos mais incríveis que eu poderia ter. Mas o que eu jamais poderia ter imaginado era a luta que eu enfrentaria enquanto criava meus filhos, especialmente meu filho Brad.

Brad veio a esta vida inocente como qualquer criança, mas não demorou muito para percebermos que ele era diferente. Ele só conseguia ir ao berçário junto comigo ou meu marido porque era muito agressivo. Ele precisava de supervisão constante enquanto crescia e brincava com outras crianças. Quando buscamos ajuda, foi-nos dito que precisávamos ser mais consistentes com ele. Fizemos tudo o que podíamos imaginar: pesquisamos online, lemos livros sobre como criar filhos e perguntamos aos médicos e familiares. Por fim, quando Brad começou a escola, foi diagnosticado com transtorno de déficit de atenção com hiperatividade, ou TDAH, bem como uma infinidade de outros problemas.

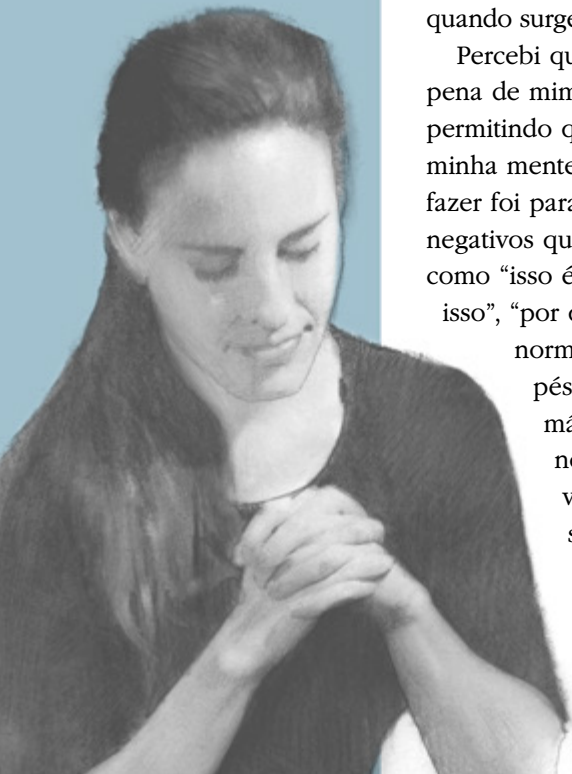
Pela primeira vez, sentimos que tínhamos esperança. Agora que tínhamos um diagnóstico, podíamos começar um plano de tratamento. Estávamos esperançosos de que Brad responderia bem a um remédio que havia ajudado outras pessoas. Infelizmente, o comportamento de Brad com a medicação ficou pior do que sem ela, então ele teve que parar. Senti a última ponta de esperança escapar.

Um dia, quando Brad tinha 6 anos, enfrentei um de seus muitos ataques emocionais diários. Eu queria desistir. Fui para o meu quarto por um momento para ficar sozinha e irrompi em lágrimas. Orei pedindo forças para ser capaz de conseguir lidar com a rotina da hora de dormir que se aproximava. Como poderia continuar fazendo isso dia após dia? Senti

Quando aprendi a usar os recursos espirituais a meu alcance, fui bombardeada de ideias sobre como ajudar meu filho e como enfrentar melhor minhas próprias provações.



Meu marido e eu tínhamos pesquisado e descoberto muitos recursos para ajudar-nos, mas nos esquecemos do mais importante: a oração.



como se já chegara ao meu limite. Será que o Pai Celestial entendia o quanto era difícil? Se Ele realmente me amasse, refleti, removeria esse fardo de mim e daria uma vida normal para o meu filho. Aqueles pensamentos e sentimentos me rodeavam enquanto a provação que estava enfrentando parecia piorar em vez de melhorar.

A Verdadeira Natureza das Provações

Pensei que entendia as provações. Devemos passar por elas como uma panela sendo aquecida em um forno. Nós entraríamos no fogo e depois sairíamos dele. Em seguida, a vida voltaria ao normal até a próxima rodada de aquecimento e tempera. Mas eu vinha enfrentando essa provação por anos e não estava passando. Senti o peso me pressionando e o sentimento de desamparo me colocou de joelhos.

Então compreendi que o lugar a que precisava ir para buscar consolo e entendimento era o templo. Por inspiração, percebi que não escolhemos quais desafios temos nesta vida ou a sua duração. O que podemos controlar é o modo como pensamos e agimos quando surgem as provações.

Percebi que o motivo pelo qual sentia pena de mim mesma era por estar permitindo que a autopiedade enchesse minha mente. A primeira coisa que decidi fazer foi parar todos os pensamentos negativos que vinham à minha mente, como “isso é injusto”, “não posso fazer isso”, “por que Brad não pode ser normal?” ou, o pior deles, “sou uma péssima mãe”. Empenhei-me ao máximo para fazer parar a voz negativa em minha mente e vi que minha verdadeira voz se tornou mais paciente e

amável quando estava lidando com todos os meus filhos.

Também incentivei o pensamento positivo. Comecei a pensar: “Você está indo bem”, e costumava fazer elogios a mim mesma, como “você manteve sua voz baixa e não gritou. Continue assim!”

Confiar em Deus

Depois de um dia particularmente difícil, pedi a meu marido que me desse uma bênção. Durante a bênção, fui lembrada de que eu sou filha de Deus, que Ele está ciente de mim e de minhas necessidades, e que meu filho é um filho de Deus. Brad era filho de Deus primeiro, e meu marido e eu temos parceria com Deus em favor dele. Percebi que eu não estava usando todas as ferramentas que a parceria me proporciona. Meu marido e eu tínhamos pesquisado e descoberto muitos recursos para ajudar-nos, mas nos esquecemos do mais importante: a oração.

Comecei a orar diariamente sobre como poderia ajudar Brad. Quando ele estava tendo um colapso emocional, eu costumava fazer uma rápida oração pedindo inspiração antes de me aproximar dele. Ao confiar em Deus para ter apoio e inspiração para meu filho, tive um vislumbre do que eu poderia ser e o que poderia fazer por ele. Esforcei-me para seguir as palavras de Alma: “E esta é a minha glória, que talvez possa ser um instrumento nas mãos de Deus” (Alma 29:9).

As mudanças foram imediatas. Fiquei repleta de ideias e maneiras de ajudar Brad. Usei a noite familiar como ferramenta e orei para pedir ideias sobre o que ensinar. Também li as escrituras com mais propósito e reconheci os ótimos conselhos para os pais que elas contêm. Comecei a me encher de esperança e consolo.

Ao continuar a colocar em prática a ideia de que meu marido e eu somos parceiros de Deus na criação de nossos filhos e, usando as ferramentas que Ele nos deu, comecei a confiar em Deus cada vez mais. Percebi que meu conhecimento sobre a criação de filhos era limitado, mas um amoroso Pai Celestial, que conhece todas as coisas e ama meu filho mais do que eu, poderia me ajudar a ser uma mãe melhor e mais forte. E embora às vezes eu ainda hesite, sei onde procurar ajuda. Entendo agora que algumas provações podem não ter um limite de tempo, mas, se eu mantiver meus olhos na eternidade, Deus vai me ajudar.

Alegrear-se nas Pequenas Coisas

Em momentos difíceis, aprendi a reservar um tempo para sentir alegria nas pequenas coisas, os presentes que nos são dados. Quando meu filho toma a iniciativa de dar um beijo, sinto-me grata. Quando vi meu filho andar de ônibus sozinho, senti-me abençoada de ter essa escritura em minha mente: “Irei adiante de vós. Estarei à vossa direita e à vossa esquerda e meu Espírito estará em vosso coração e meus anjos ao vosso redor para vos sustar” (D&C 84:88). Eu sabia que Brad não estava sozinho e nunca estará.

Somos uma família eterna e, com a ajuda de pessoas que nos amam e com o Pai Celestial cuidando de nós, posso apreciar os pequenos presentes que são dados a mim todos os dias e sentir a alegria e felicidade que devemos ter. E com essas pequenas bênçãos e a ajuda do Senhor, posso me tornar aquilo que devo ser, não importa o tempo que levar. ■

A autora mora em Utah, EUA.



Quando Murilo foi batizado aos 16 anos, toda a sua família foi contra. Quando ele recebeu um chamado missionário, seus pais jogaram fora as roupas de domingo dele e o impediram de servir missão. Ele conseguiu ajudar a trazer sua família para a Igreja, mas ainda se sentiu mal por não ter servido missão.

CODY BELL, FOTÓGRAFO

Murilo Vicente Leite Ribeiro

Goiânia, Brasil

Era muito difícil para mim como rapaz não ter saído para a missão. Sentia-me inferiorizado diante dos meus amigos que haviam ido para a missão e carregava o sentimento de solidão na igreja. Algumas pessoas ficaram achando que eu não tinha ido por não estar digno. Mas fiz o melhor que pude para permanecer firme na fé.

Anos mais tarde, encontrei-me com o Élder Jairo Mazzagardi, dos Setenta, quando ele reorganizou nossa estaca. Ele me perguntou sobre minha missão.

Eu respondi: “De fato, não servi missão”, e comecei a chorar.

“Irmão Murilo”, disse ele, “não olhe para trás; olhe para a frente. Todo aquele que olha para trás retrocede, mas aquele que olha para a frente avança. Você está limpo”.

Era como se uma mochila de seis toneladas fosse retirada de minhas costas.

Ele me pediu que retornasse com minha esposa e chamou-me como presidente da estaca.

Leia mais sobre a história de Murilo na versão online da revista *A Liahona* em LDS.org/go/71738.







Comecei a dirigir um jeepney (transporte público típico das Filipinas) e a trabalhar como vendedor para suprir nossas necessidades básicas.

DE MÃOS VAZIAS, MAS CHEIO DE FÉ

Depois de servir na Missão Filipinas Cagayan de Oro, eu estava determinado a seguir os conselhos do profeta e dos apóstolos de me casar no templo. A maioria de meus parentes e amigos não membros e até alguns membros disseram que eu deveria me formar na faculdade primeiro ou ter um ótimo emprego antes de pensar em casamento. Eu não tinha nenhum dos dois quando fiquei noivo.

Fiquei preocupado, mas lembrei-me de uma história do Presidente Gordon B. Hinckley (1910–2008) quando ele recebeu um chamado missionário para a Inglaterra. Ele estava se preparando para sair em meio a pressões econômicas e problemas que o preocupavam. Pouco antes de sair, seu pai deu-lhe um cartão com quatro palavras escritas: “Não temas, crê somente” (Marcos 5:36). Lembrei-me também das palavras de meu bispo: “Tenha fé. Deus proverá”. Essas

palavras me deram coragem e força para seguir em frente.

Embora com as mãos vazias, casei-me com minha adorável noiva no Templo de Manila Filipinas. Pouco tempo depois, comecei a trabalhar em uma empresa que exigia que eu trabalhasse aos domingos. Eu queria santificar o Dia do Senhor, então esse trabalho não durou muito tempo. Muitos se perguntaram por que eu tinha saído do emprego, mas segui em frente, repetindo a mim mesmo as palavras: “Tenha fé. Deus proverá”.

Comecei a dirigir um jeepney (transporte público típico das Filipinas) e a trabalhar como vendedor para suprir nossas necessidades básicas e para nos preparar para a chegada de nosso primeiro bebê. Minha esposa percebeu que eu estava exausto tentando sustentar nossa família. Ela disse que eu precisava retomar os estudos, mas achei que seria difícil

trabalhar, servir na Igreja e estudar.

Eu estava certo, foi *muito* difícil. Mas fizemos o máximo possível para guardar os mandamentos. Muitas vezes ficamos sem dinheiro, mas com a ajuda do Fundo Perpétuo de Educação da Igreja consegui terminar meus estudos antes do nascimento de nosso segundo filho. Encontrei um emprego como professor do Ensino Médio e por fim me tornei coordenador do Seminário e Instituto.

Seguir os conselhos do profeta e de outros líderes da Igreja me ajudou a perceber que o casamento oferece grandes oportunidades de crescimento espiritual e maturidade. Tenho sido abençoado por causa do meu casamento e do evangelho.

Não precisamos ter medo mesmo nas circunstâncias mais difíceis. Basta dar o melhor de nós e lembrar estas palavras: “Tenha fé. Deus proverá”. ■ Richard O. Espinosa, Tarlac City, Filipinas

CONSOLADA DEPOIS DE UM ABORTO ESPONTÂNEO

Na 18ª semana de minha quarta gestação, acordei com um pequeno sangramento. Fiquei apreensiva quando o sangramento não parou, então decidi ir ao pronto-socorro.

Durante a longa viagem ao hospital, orei e tinha esperança de que tudo ficaria bem. Na pior das hipóteses, achei que o médico ia recomendar vários dias de repouso.

Quando fui internada no hospital, os médicos fizeram vários exames. Descobriram que o bebê não tinha batimentos cardíacos. O diagnóstico foi “morte fetal”. O médico não podia fazer mais nada naquele momento, então me deu alta do hospital.

Fui para casa me sentindo triste e amedrontada. Não consegui dormir aquela noite. Quando saí da cama, na manhã seguinte, fui inspirada a ir bem cedo a uma sessão de investidura no templo.

Perto do final da sessão, meus olhos se concentraram nos anéis de noivado e casamento que estavam em meu dedo. Eles haviam pertencido à minha bisavó de quem eu tinha o mesmo nome. Ela faleceu quando eu estava com 5 anos e recentemente eu tinha lido sua história de vida. Lembrei-me de que ela havia sofrido muitos abortos quando tinha cerca de 20 anos.

Durante toda a manhã, estive tentando conter as lágrimas de tristeza e

medo, mas, naquele momento, senti uma imensa paz. Senti-me consolada. Minha bisavó havia passado por provações semelhantes em sua vida e o Salvador a tinha ajudado. Senti a certeza de que Ele me ajudaria também.

“E tomará sobre si as suas enfermidades, para que se lhe encham de misericórdia as entranhas, segundo a carne, para que saiba, segundo a carne, como socorrer seu povo, de acordo com suas enfermidades” (Alma 7:12).

Sinto-me profundamente grata pela paz que advém da frequência ao templo, pelo legado de antepassados fiéis e, acima de tudo, pelo sacrifício expiatório do Salvador Jesus Cristo. ■

Emily Miller, Texas, EUA

Meus anéis de noivado e casamento pertenceram à minha bisavó. Lembrei-me de que ela havia sofrido muitos abortos.

DAR UMA CARONA E COMPARTILHAR O EVANGELHO

O percurso pela zona rural inglesa estava calmo e tranquilo em meu caminho para a igreja num domingo de manhã. Durante o trajeto, vi uma senhora idosa à beira da estrada. Tive que decidir rapidamente se deveria parar e ver se ela precisava de carona.

Senti que deveria parar. Ela me disse que seu nome era Mary e que tinha acabado de chegar àquele local. Percebi que alguns segundos mais tarde para ela e alguns segundos mais cedo para mim fariam com que não nos encontrássemos. O sincronismo foi perfeito!

Ela me disse onde precisava ir e era um lugar perto da capela. Mencionei que estava indo à igreja e perguntei se ela já tinha ouvido falar dela. Ela disse que tinha fé no Salvador, mas

que sabia pouco sobre os santos dos últimos dias. Durante o caminho, compartilhei o evangelho com ela.

Quando a deixei, disse-lhe que poderia levá-la de volta quando as reuniões da igreja terminassem. Ela aceitou e marcamos de nos encontrar na capela. Quando entrei na igreja, encontrei os missionários e pedi-lhes um Livro de Mórmon para dar à minha nova amiga. Mais tarde, quando ela chegou à capela, os membros foram afáveis e compartilharam seu testemunho com ela.

No caminho de volta, disse à Mary que ela poderia aprender mais sobre Jesus Cristo lendo o Livro de Mórmon. Também lhe indiquei onde encontrar o relato sobre a visita do Salvador aos nefitas. Embora sua experiência

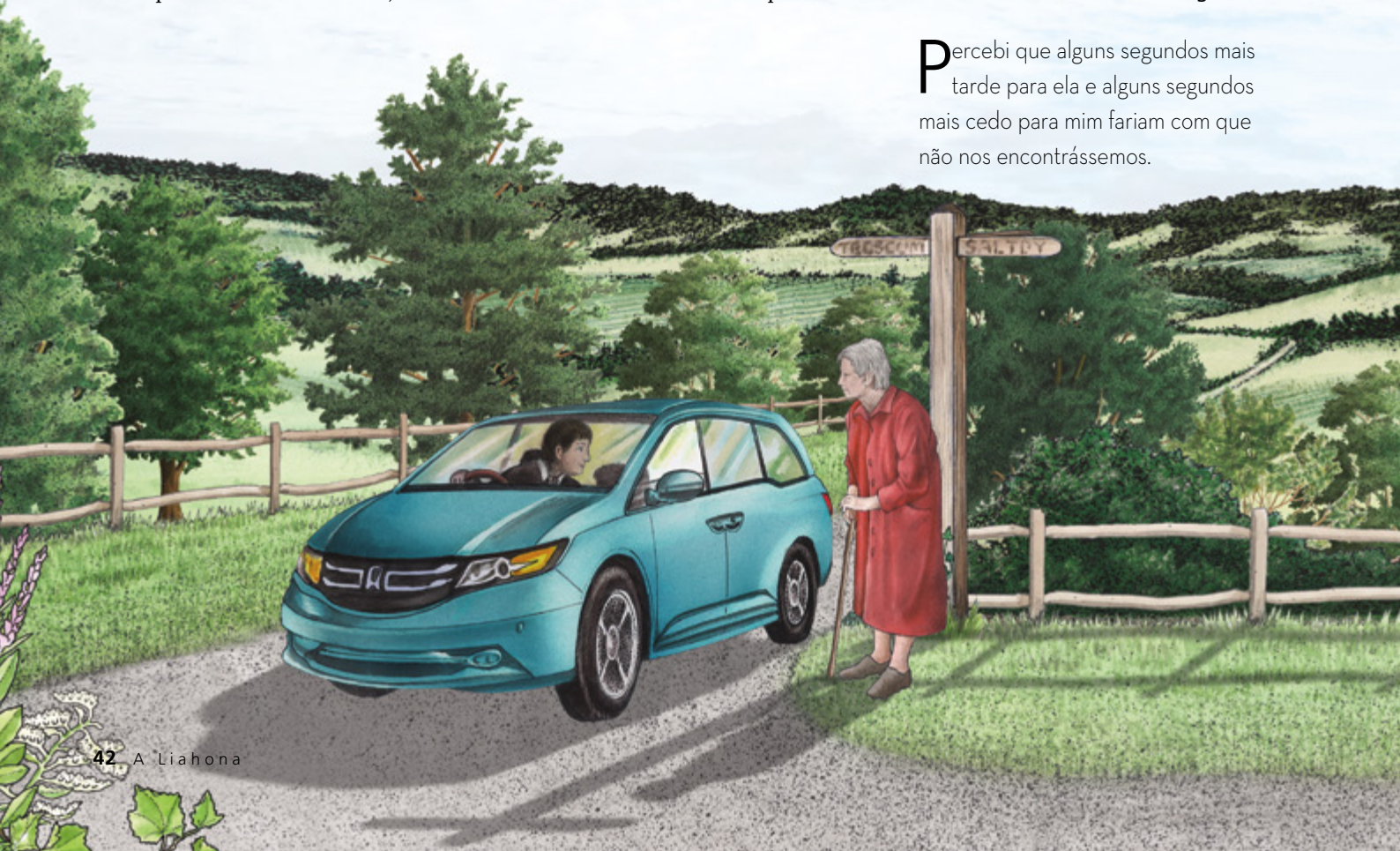
com os membros tenha sido breve, eu sabia que ela tinha sentido alguma coisa. Deixei Mary onde tínhamos nos encontrado. Não esperava voltar a vê-la.

Quando estava voltando do trabalho no dia seguinte, um desvio me fez percorrer uma rua pela qual eu normalmente não passava. Para minha surpresa, vi Mary novamente! Quando me viu, sorriu. Fiquei feliz em dar-lhe carona novamente.

Não a vi mais desde aquele dia, mas, ao me lembrar dessa experiência, sinto-me grato pela oportunidade que o Senhor me deu de compartilhar o evangelho. Sei que o Senhor nos abençoa com Seu sincronismo perfeito. ■

Michael Curran, Gloucester, Inglaterra

Percebi que alguns segundos mais tarde para ela e alguns segundos mais cedo para mim fariam com que não nos encontrássemos.



ANJOS TROUXERAM LUZ AO MEU LAR

Certa manhã de domingo, perguntaram-me se eu gostaria que os mestres familiares me visitassem. Eu tinha acabado de me divorciar e estava passando por dificuldades para enfrentar minha nova vida como mãe sozinha de dois filhos pequenos. Eu disse que gostaria de uma visita. Na época, estava me sentindo amargurada com minha situação e me sentia sozinha em minha luta.

Na semana seguinte, dois bons irmãos vieram à minha casa. Durante a visita, fizeram as perguntas de costume e compartilharam uma mensagem curta com minha família.

Depois esses bons homens perguntaram: “Irmã Nereida, o que podemos fazer para ajudá-la?”

Sem pensar muito, disse-lhes que as lâmpadas da escada que ia para o segundo andar estavam queimadas. Eu tinha lâmpadas de substituição, mas não conseguia subir alto o suficiente para trocá-las e tinha receio de colocar uma escada nos degraus. Disse-lhes também que não tinha iluminação no quintal.

Imediatamente, eles se levantaram. Um deles foi até o carro e voltou com uma caixa de ferramentas. Ele tinha quase um metro e noventa de altura, então subiu nas escadas e trocou a lâmpada sem dificuldade. Enquanto isso, seu companheiro foi até o quintal e percebeu que a conexão dos fios estava invertida. Em pouco tempo, conseguiu fazer o conserto.

Anos depois, continuo grata aos meus mestres familiares por seu simples ato de bondade, amor e dedicação e pela maravilhosa lição que me ensinaram. Meus mestres familiares foram verdadeiros anjos que não só trouxeram luz ao meu lar, mas também paz, esperança e a segurança do evangelho, que leva luz a qualquer tipo de escuridão. ■

Nereida Santafe, Grande Caracas, Venezuela



A ÚNICA COISA QUE ME SALVOU

**Shuho Takayama conforme relatado
a Ana-Lisa Clark Mullen**

O golfe é um esporte muito popular no Japão, por isso comecei a jogar quando tinha 14 anos, como um modo de passar mais tempo com meu pai. Era divertido a princípio, e acabei passando a treinar sozinho e a jogar na equipe de golfe da minha escola no Ensino Médio. Fiz amizade com meus colegas de equipe e treinadores, que me incentivaram a buscar meu sonho de tornar-me jogador profissional de golfe.

Esforcei-me muito, não apenas no esporte, mas também nos estudos, formando-me quase em primeiro lugar na minha turma do Ensino Médio.

Quando entrei na faculdade, eu tinha um excelente relacionamento com meu técnico e meus colegas de equipe. Eles eram melhores do que eu, por isso fiz de tudo para manter-me à altura do desempenho deles. Alguns dos colegas de equipe comentaram sobre a peculiaridade do meu prenome: Shuho. Eu lhes disse que minha avó materna foi quem me

**Uma amizade
inesperada ajudou
a mudar minha
vida das trevas
para a luz.**

dera esse nome e que, em coreano, significa “belo monte”. Daquele momento em diante, senti que a atitude deles para comigo mudou, devido ao atrito existente há várias gerações entre alguns japoneses e coreanos.

Começaram a me chamar de “o rapaz coreano” e me disseram que eu macularia o bom nome da universidade. Em vez de permitir que eu treinasse golfe com eles, fizeram-me limpar os banheiros.

Foi-se tornando cada vez mais estressante estar na companhia da equipe. Por estar longe de casa,

senti-me muito sozinho. Tentei apegar-me a meu sonho e reconquistar a boa vontade de meu técnico e da equipe, mas, após dois anos, não consegui mais suportar o rude tratamento que me infligiam e voltei para casa.

Foi uma época muito triste para mim. O estresse estava tendo efeitos psicológicos e físicos. Minha autoestima sofrera ataques por dois anos. Meu sonho de tornar-me jogador profissional de golfe se desfazia. Já não sabia o que fazer da minha

vida. Então fiquei zangado. Tinha raiva de todos: do técnico, dos meus colegas de equipe e dos meus pais. Sentia-me tão irado que meus pensamentos me assustavam. Não tinha amigos e sentia que não conseguia confiar em ninguém nem me associar a outras pessoas. Por seis meses, eu só saía de casa para me exercitar na academia.

Naquela época sombria da minha vida, fiz amizade com Justin Christy, que conheci na academia. Quando o vi pela primeira vez, achei que ele era um estudante estrangeiro de intercâmbio. Hesitei em falar com ele até que o ouvi



conversando com alguém na academia e me surpreendi ao ver que ele falava japonês. Ainda me sentia incapaz de confiar em alguém, mas ele sugeriu que treinássemos juntos. Havia algo diferente nele que não entendi bem a princípio. Eu me sentia calmo quando estava com ele. Comecei a ansiar pelo tempo que passávamos treinando juntos. Eu tinha encontrado alguém em quem sentia que podia confiar como amigo.

Depois de treinarmos juntos por vários meses, Justin me convidou para um jantar em grupo ao qual ele ia regularmente. Eu estava hesitante, mas após vários convites decidi aceitar e acabei participando de um jantar para adultos solteiros na casa de Richard e Corina Clark. Cumprimentaram-me calorosamente quando entrei em sua casa, o irmão Clark em japonês, e a irmã Clark em inglês. Não entendi o que ela estava dizendo, mas tentei responder a ela. Embora muitas pessoas ali não falassem japonês, era um grupo que gostava de se divertir e que se mostrava muito amigável e caloroso. Demos muitas risadas.

Comecei a frequentar outras atividades dos jovens adultos solteiros e nunca me diverti tanto com outras pessoas na vida. Perguntei-me o que havia naquelas pessoas que as tornava tão boas e simpáticas.

Nessa época, Justin me perguntou o que eu pretendia fazer na vida. Fiquei surpreso ao descobrir que meus objetivos tinham começado a

**Decidi que eu
queria ajudar a
salvar pessoas
que estivessem na
mesma situação
em que eu estava.**

mudar. Disse-lhe que queria aprender a falar inglês e a fazer amizade com todo mundo, assim como ele. Ele me disse que havia um curso de inglês gratuito em sua igreja. Fui às aulas de inglês e conheci os missionários. Embora eu jamais tivesse pensado em Deus, senti que devia ouvir os missionários. Eles me ensinaram os princípios fundamentais do evangelho e me telefonavam quase todos os dias. Tornaram-se bons amigos meus, o que me deixou muito feliz porque eu ainda não tinha muitos.

Comecei a conhecer muitos membros da Igreja, que assistiam às lições dos missionários comigo e também se tornaram bons amigos meus. Eles me ensinaram o evangelho e me deram um bom exemplo. Justin falou-me do Livro de Mórmon e contou-me algumas histórias dele, fazendo-me querer lê-lo por mim mesmo. Outro amigo, Shingo, que era muito detalhista, conversou comigo sobre as doutrinas, de um modo que

me foi fácil compreender. Ele sempre prestava testemunho no final de nossas conversas.

Encontrei algo em que eu acreditava e um lugar no qual me sentia incluído. Após meu batismo e minha confirmação, comecei a cogitar servir missão, mas me preocupava o fato de ter que dedicar dois anos para isso. Conversei com muitas pessoas sobre servir missão, principalmente com meus amigos que já tinham sido missionários. Pensei muito nisso e me dei conta de que o evangelho era a única

coisa que poderia ter-me salvado.

Sei que Deus me deu tudo isso: meus sonhos, minha esperança, meus amigos e sobretudo amor. O evangelho me ajudou a sair das trevas para a luz. ■

O autor mora em Tóquio, Japão.



SEJA UM EXEMPLO

“Cada um de nós que veio à Terra recebeu a Luz de Cristo. Ao seguirmos o exemplo do Salvador

e vivermos como Ele viveu e como Ele ensinou, essa luz vai arder dentro de nós e iluminar o caminho para outras pessoas. (...)”

Tenho certeza de que dentro de nossa esfera de influência há pessoas solitárias, enfermas e desanimadas. Temos a oportunidade de ajudá-las e de elevar-lhes o espírito.”

Presidente Thomas S. Monson, “Ser um Exemplo e uma Luz”, *A Liahona*, novembro de 2015, p. 86.

Como Compartilhei o Evangelho com Shuho

Justin Christy

Quando conheci Shuho na academia, ele me disse que queria aprender inglês e participar de um programa de intercâmbio em golfe. Conte-i-lhe sobre o curso de inglês na igreja, mas ele demorou várias semanas para resolver comparecer. Enquanto isso, exercitávamo-nos juntos, conversávamos muito sobre assuntos do evangelho, sobre o Livro de Mórmon e sobre a vida em geral.

A amizade e o exemplo dos membros da Igreja que ele veio a conhecer chamaram sua atenção e o ajudaram a aprender o evangelho. É o Espírito que conduz à conversão. Tudo o que fazemos é transmitir a mensagem e apoiar as pessoas enquanto elas decidem por si mesmas.

Antes era estressante para mim pensar em compartilhar o evangelho. Mas descobri que, se simplesmente abrímos a boca no momento certo, teremos muitas oportunidades missionárias. Tudo que precisamos fazer é convidar as pessoas para uma atividade ou reunião da Igreja. Se tivermos a mente aberta, sempre haverá oportunidades para compartilharmos o evangelho. ■



Desempenhar o Papel Mais Importante

Annie McCormick Bonner

O teatro era minha paixão!

Quando eu era uma jovem adulta, dedicava-me inteiramente ao trabalho de atuar e cantar no palco.

Fui abençoada com talento e esperava seguir carreira atuando profissionalmente.

Ganhei os papéis mais desafiadores que eu poderia obter e sempre agi com profissionalismo a fim de conquistar o respeito dos colegas atores.

Vibrei de emoção quando o diretor mais influente de nossa região me disse que abriria testes para uma opereta e queria que eu me candidatassem. A peça seria apresentada na mais prestigiosa casa de espetáculos de nossa região, e parecia que meu amigo diretor já me tinha em mente para o papel principal.

O roteiro não foi disponibilizado para leitura antes dos testes, mas a opereta se baseava num romance escrito por um filósofo do século 18,

que eu li. Também procurei conhecer as músicas do espetáculo, que eram excepcionalmente belas e difíceis.

Eu me saí muito bem nos testes, e logo me informaram que o papel principal — o mais importante — seria meu! Achei que aquele papel seria uma oportunidade extraordinária.

Senti-me nas nuvens de tanta emoção — até receber o roteiro. Ao lê-lo, todo o meu entusiasmo rapidamente se arrefeceu. Embora o romance e as músicas fossem decentes, o roteiro era irreverente e continha indicações cênicas sugestivas e impróprias. Eu sabia que não deveria me envolver com aquela produção. Foi uma decepção terrível.

Subitamente, estava diante de um dilema. A etiqueta teatral determinava que, após aceitar um papel, o ator não podia desistir dele porque pela programação da produção não haveria tempo hábil para fazer alterações no elenco. Uma desistência a essa altura seria considerada uma atitude bem pouco profissional. Temi perder a confiança da companhia teatral, ofender o diretor e até deixar de ter a

Eu acabara de ganhar o melhor papel da minha vida. Fiquei muito entusiasmada — até receber o roteiro.

oportunidade de continuar a atuar em qualquer outro lugar.

É óbvio que me senti tentada a racionalizar. Uma voz estridente clamava em minha mente: “Você não pode desistir agora. O roteiro não é tão ruim assim. A parte boa do espetáculo vai compensar as partes indecentes”. Mas o Santo Espírito estava sempre me influenciando, dizendo-me com firmeza, paciência e determinação que eu tinha que sair da opereta.

Eu sabia o que precisava fazer. Com as mãos trêmulas, peguei o telefone e liguei para o diretor.

“Alô, senhor”, disse eu, quando ele atendeu. “Aqui é a Annie.”

“Annie! Estou muito entusiasmado com o espetáculo. Você recebeu o roteiro?”

“Recebi, sim, mas eu... eu...”

Irrompi em lágrimas. Uma total falta de profissionalismo!

De alguma forma, em meio aos soluços, consegui explicar ao diretor por que não poderia participar do espetáculo. E depois, esperei o mundo desabar.

Aquele bom homem apenas riu. E respeitou minha decisão. A princípio, tentou convencer-me a ficar na peça, mas acabou cedendo. Disse que ainda me adorava, mesmo que eu não quisesse participar de sua opereta. Simplesmente me pediu que eu lhe entregasse imediatamente o roteiro para que ele pudesse passá-lo para outra pessoa. Desliguei o telefone, muito envergonhada por ter chorado, porém grata pela resposta afetuosa e compreensiva do diretor.

Enxuguei as lágrimas e então peguei o roteiro e fui imediatamente para o meu carro. Quando dei a partida, o rádio começou a funcionar. Estava sintonizado na estação local de música clássica e, para meu espanto, a música que estava tocando era a abertura daquela mesma opereta. Eu nunca a tinha ouvido no rádio antes.

Senti que o Pai Celestial estava tocando aquela música para mim. Ele queria que eu soubesse que Ele me amava e que aprovava minha decisão. A música que chegava pelas ondas de rádio era uma das ternas misericórdias de Deus. Por meio dela, senti o consolo de Seu amor.

Fui estudar teatro na universidade. Mais de uma vez, vi-me em situação semelhante. Houve ocasiões em que tive de abandonar certos projetos colaborativos devido ao conteúdo impróprio. Essas situações nunca foram fáceis nem agradáveis, mas consegui lidar com elas de modo mais sereno e sem lágrimas. Talvez minha experiência prévia tenha sido uma preparação para essas ocasiões. Pode ser que ela tenha me ajudado a entender melhor quem eu sou e como desejo vir a ser.

William Shakespeare escreveu:

*O mundo inteiro é um palco,
E todos os homens e mulheres são
meros atores;*

*Todos têm suas entradas e saídas
de cena;*

*E cada homem em seu tempo
desempenha muitos papéis.¹*

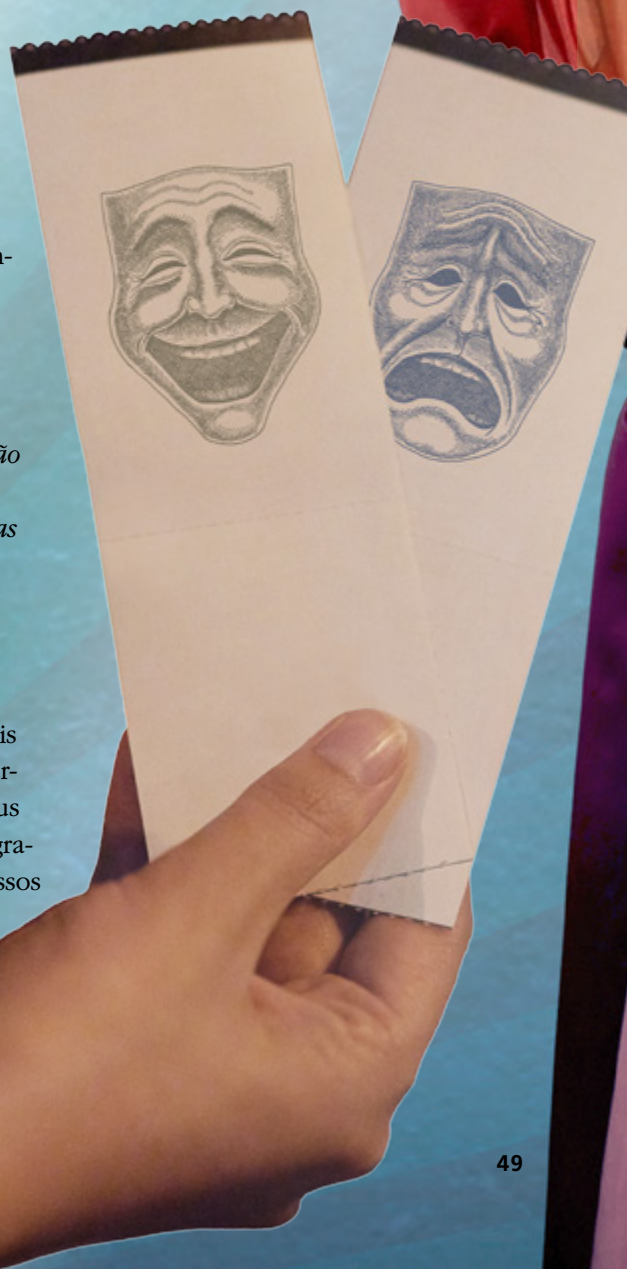
Estou aprendendo que há um papel a desempenhar que é o mais importante de todos. É o de tornarmos verdadeiros discípulos de Jesus Cristo. Pode ser emocionante e agradável conquistar o aplauso de nossos colegas de profissão, mas é a

aprovação de Deus que realmente importa. Nosso maior desempenho acontece quando aprendemos a seguir o Mestre. ■

A autora mora em Washington, EUA.

NOTA

1. William Shakespeare, *As You Like It* [Como Lhe Arouver], ato 2, cena 7, linhas 141-144.



FORTE

Durante Toda a Semana





Estes jovens contam como o Senhor os abençoa quando tomam o sacramento e se lembram de seus convênios ao longo da semana.

É noite de domingo. Isso significa que amanhã é segunda-feira — de volta às tarefas escolares, ao trabalho, ao treino de futebol, às aulas de piano e tudo o mais. Sem dúvida há muita coisa para fazer nesta semana! Mas você consegue. Vai ter sucesso em sua longa lista de tarefas desta semana.

Quer saber como?

Você tem a força espiritual a seu lado. Todo domingo, você pode tomar o sacramento e renovar os convênios que fez. Ao fazer isso, recebe a promessa de que, se tomar sobre si o nome de Jesus Cristo, lembrar-se Dele e guardar Seus mandamentos, terá *sempre* consigo o Seu Espírito (ver D&C 20:77, 79). Isso significa que você pode sentir-se espiritualmente fortalecido, não importando o que venha a enfrentar durante a semana.

Pedimos a alguns jovens que contassem sua experiência com o sacramento e de que modo foram fortalecidos ao lembrarem-se de seus convênios ao longo da semana. Veja algumas de suas histórias. Pode ser que você se depare com coisas parecidas!

AO FUNDO E NO ALTO: FOTOGRAFIAS DE GETTY IMAGES



O fato de sempre me lembrar do Salvador me ajuda a ter coragem nas provas difíceis. Na metade do meu último ano do Ensino Médio, minha família se mudou de volta para os Estados Unidos, mas fiquei sozinha na Austrália para terminar o ano letivo. Depois de visitá-los num feriado escolar, voltei de avião para a Austrália, sentindo-me incrivelmente solitária. Contudo, subitamente me dei conta de que não estava sozinha. Nunca estive e jamais estaria porque o Espírito do Salvador sempre estará comigo se eu me esforçar para segui-Lo. Esse foi o maior consolo que eu poderia receber naquele momento.

Shannon S., 19 anos, Sydney, Austrália



Quando ouço as orações sacramentais, lembro-me de que, se eu cumprir minha parte do meu convênio batismal, posso ter o Espírito sempre comigo. Minha semana fica muito mais fácil quando me mantenho próximo do Espírito. Por exemplo, muitos alunos da minha escola falam palavrão e dizem coisas impróprias. Ao lembrar meus convênios, isso me ajuda a ignorar o que escuto e até a influenciar alguns de meus colegas a pararem de falar assim.

Jacob B., 14 anos, Colorado, EUA



A meu ver, tomar sobre mim o nome de Jesus Cristo significa lembrar que Seu Espírito pode estar sempre conosco e que temos que decidir fazer o que é certo. Certa vez, numa festa de aniversário, meus amigos estavam bebendo e me ofereceram uma bebida alcoólica. Recusei. Então, veio um dos meus amigos da Igreja e disse a eles que não bebíamos por causa da nossa religião. O fato de me lembrar do Salvador sempre me faz sentir próximo do Espírito e afasta de mim as coisas ruins.

Miguel C., 16 anos, Paraná, Brasil



Na escola havia uma menina com deficiência. A maioria usava isso como desculpa para caçar dela. Minha amiga e eu éramos as únicas que tentavam ajudá-la. Alguns dias, parecia que a classe inteira se unia contra ela. Era difícil saber como reagir. Eu queria simplesmente me afastar, mas decidi lembrar que ela era uma filha de Deus e pensar em como Jesus a trataria. Senti a influência tranquilizadora do Espírito Santo. Lembrei que eu podia fazer a diferença. O empenho de seguir o exemplo do Salvador me ajudou muito, e eu soube que tudo ficaria bem.

Em meus convênios batismais, foi-me prometido que eu sempre teria o Espírito Santo comigo se agisse como o Salvador agiria. Sinto-me grata por ter sentido esse consolo e essa força provenientes do Espírito Santo.

Alexis L., 13 anos, Kansas, EUA

Durante o sacramento, eu costumava pensar nas coisas que teria de fazer na semana, nas coisas da escola ou em minhas amigas. Mas então, por meio das aulas da Escola Dominical e das mensagens de nossos profetas, comecei a entender o significado do sacramento. Agora penso na Expição de Jesus Cristo, no fato de Ele ter dado Sua vida por nós, de ter pago pelos nossos pecados e de ter sofrido todas as coisas. Isso me dá todos os dias a motivação de dizer: posso me esforçar para ser como Ele e demonstrar o mesmo amor que Ele mostrou às pessoas. Posso compartilhar o evangelho com os outros. Posso fazer algo para ser mais digna de entrar no templo e de tomar o sacramento.

Alessandra B., 17 anos, Santiago, Chile



Por saber que fiz o convênio de tomar sobre mim o nome de Cristo, sei que é meu dever segui-Lo, mas nem sempre é fácil. Certa vez, numa atividade de grupo, vi um garoto que não tinha ninguém com quem conversar. Senti que deveria ir falar com ele. A princípio, não tive vontade de fazê-lo. Não sou muito do tipo extrovertido que facilmente faz amizade com todo mundo. Mas, por lembrar-me do que Cristo faria, encontrei forças para fazer um novo amigo. Enquanto conversava com ele, senti o Espírito inspirar-me a fazer perguntas e a divertir-nos.

Evan A., 16 anos, Utah, EUA



Ao tomar o sacramento, sinto paz e tenho pensamentos que me fazem ter a certeza de que posso lidar com qualquer coisa que a vida colocar em meu caminho. Em junho passado, eu estava passando por um momento difícil na vida. Uma das minhas melhores amigas tinha se mudado, eu estava lutando contra a depressão e tinha pensamentos pouco realistas em relação à aparência física. Num domingo, quando eu estava tomando o sacramento, senti uma grande paz inundar minha alma. Senti-me verdadeiramente feliz.

Olivia T., 14 anos, Virgínia, EUA



O sacramento é uma injeção de ânimo espiritual para a semana. Ele me lembra dos convênios que fiz com meu Pai Celestial e me guia durante a semana. Faz-me pensar no sacrifício que Jesus Cristo fez por nós, e isso me prepara espiritualmente para a semana que se inicia.

Certa vez, eu estava estressado e frustrado, mas, quando tomei o sacramento e li o hino sacramental, senti-me cheio do Espírito. Esqueci meu estresse e concentrei-me no Salvador.

Brett B., 17 anos, Colorado, EUA





**Élder
Dallin H. Oaks**
Do Quórum dos
Doze Apóstolos

COMO OBTER UM TESTEMUNHO

O primeiro passo para adquirir qualquer tipo de conhecimento é ter o **desejo real de saber**. No caso do conhecimento espiritual, o passo seguinte é **consultar a Deus em oração sincera**. Conforme lemos nas revelações modernas: “Se pedires, receberás revelação sobre revelação, conhecimento sobre conhecimento, para que conheças os mistérios e as coisas pacíficas — aquilo que traz alegria, que traz vida eterna” (D&C 42:61).

Vejamos o que Alma escreveu sobre como fez isso: “Eis que jejeui e orei durante muitos dias, a fim de saber estas coisas por mim mesmo. E agora sei por mim mesmo que são verdadeiras, porque o Senhor Deus mas revelou por seu Santo Espírito” (Alma 5:46).

Ao desejarmos e buscarmos, convém recordar que adquirir um testemunho não é um ato passivo, mas um processo no qual é preciso *fazer* algo. Jesus ensinou: “Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito

da doutrina, se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo” (João 7:17).

Outra maneira de buscar um testemunho parece surpreendente se comparada aos métodos para obter outros tipos de conhecimento. **Adquirimos ou fortalecemos nosso testemunho prestando-o**. Alguém até comentou que algumas pessoas ganham mais facilmente um testemunho de pé, prestando-o, do que de joelhos, pedindo isso em oração.

O testemunho pessoal é fundamental para nossa fé. Portanto, as coisas que devemos fazer para adquirir, fortalecer e conservar o testemunho são essenciais para a nossa vida espiritual. Além do já citado, precisamos **tomar o sacramento semanalmente** (ver D&C 59:9) para merecer o cumprimento da sublime promessa de “ter sempre [conosco] o seu Espírito” (D&C 20:77). Obviamente, esse Espírito é a fonte do nosso testemunho. ■

Extraído de um discurso da Conferência Geral de abril de 2008.



COMO VOCÊ COLOCOU ISSO EM PRÁTICA?

Tenho um testemunho da Igreja. Adquiri-o por meio de inspiração, dedicação e leitura diária das escrituras. E quando temos nosso próprio testemunho, é impressionante o quanto fica diferente o modo como vemos e ouvimos as coisas.

Shannon Muriel M., Colorado, EUA

DIRETO AO PONTO

Como posso encontrar o equilíbrio entre não julgar as pessoas e não tolerar o pecado?

Recebemos o mandamento de perdoar às pessoas e deixar o julgamento final para Deus (ver D&C 64:9–11), mas isso não significa que devemos tolerar o pecado. Se estamos cercados de pessoas que adotam uma conduta pecaminosa, devemos ser uma luz para elas e defender o que é certo. No mínimo, isso significa dar um bom exemplo não participando nós mesmos do pecado nem nos colocando em situações suspeitas, nem ficando na companhia de pessoas com conduta questionável. Mas devemos apontar a má conduta das pessoas, fazendo-as conhecer as leis de Deus e qual é a nossa postura em relação a essa conduta? Em caso afirmativo, quando e como devemos fazer isso?

A resposta talvez dependa da situação, do tipo de relacionamento que temos com as pessoas envolvidas e do conhecimento que elas têm das leis de Deus. É melhor, por exemplo, ter uma conversa individual e em particular com familiares e amigos próximos do que dizer a uma sala repleta de meros conhecidos que eles devem se arrepender. Busque a inspiração do Espírito Santo. Ele pode guiar suas palavras e ações para que você consiga manifestar o equilíbrio certo de amor, tolerância e firme compromisso para com os padrões do Senhor. ■



Se parei por conta própria de ver pornografia ainda preciso conversar com o bispo?

Se você andou vendo pornografia, é incentivado a “[procurar] a ajuda necessária. Seus pais e seu bispo podem ajudar você a dar os passos necessários para arrepender-se e livrar-se desse hábito destrutivo” (*Para o Vigor da Juventude*, livreto, 2011, p. 12).

Se você parou por conta própria de ver pornografia, a pergunta não é realmente se você ainda “precisa” ou não conversar com seu bispo a esse respeito. A verdadeira pergunta é: “Por que não conversar com o bispo?” Não há nenhum aspecto negativo nisso. Ele será compreensivo e encorajador e ficará contente de ver o esforço que você fez para abandonar seus pecados passados. O bispo pode ajudá-lo a resolver quaisquer dúvidas restantes que você porventura ainda tenha em relação a sua dignidade e a plenitude de seu arrependimento. Ele pode ajudá-lo a fortalecer sua fé e confiança em Jesus Cristo e em Seu sacrifício expiatório. Por motivos semelhantes, você também deve pensar em falar com seus pais. ■



Ser santo dos últimos dias é ser pioneiro.

SUA JORNADA PIONEIRA— PARA VALER E NÃO FINGIDA

Aaron L. West

Departamento de História da Igreja

Quando eu era menino, às vezes fingia que era um astro do esporte. Fingia que podia voar. Fingia que era gigante. Eu estava feliz com minha vida, embora fosse baixinho, sem maiores atrativos e apenas moderadamente atlético. Mas era divertido fazer de conta. Eu gostava de vivenciar algo diferente mesmo que fosse apenas na minha imaginação. Acho que é por isso que muitas pessoas gostam de fingir.

Por falar nisso, nós, santos dos últimos dias, adoramos participar de jornadas pioneiras. Vestimos roupas de pioneiros (mais ou menos). Puxamos carrinhos de pioneiros (de certo modo). Comemos comida de pioneiros (bem, não exatamente). Fazemos o maior esforço para fingir que somos pioneiros. Mas o impressionante é que não precisamos fingir. *Já somos todos pioneiros.*

O Presidente Thomas S. Monson disse: “Ser santo dos últimos dias é ser pioneiro, porque a definição de pioneiro é ‘alguém que vai à frente para preparar ou abrir o caminho para que outros o sigam’”.¹ O Presidente Monson nos ensinou, por palavras e ações, como sermos verdadeiros pioneiros:

“Seguimos os passos do mais sublime Pioneiro, sim, o Salvador, que foi à frente, mostrando-nos o caminho a seguir.

‘Vem, segue-me’, convidou Ele”.²

Vem... e ... segue-me. Essas simples palavras podem ajudar-nos a ser verdadeiros pioneiros.

Vejamos essas palavras da perspectiva de alguns pioneiros dos dias atuais que recentemente participaram da jornada pioneira de uma estaca.





Taylor A.



Ethan G.



Harmony C.

“VEM, E SEGUE-ME”

A palavra *vem* é um convite. Sugere movimento de um lugar para outro. Taylor A. conhece muito bem o significado dessa palavra.

Taylor é brilhante, alegre e cheia do Espírito, mas não tardaria em dizer que essas palavras não a descreviam há dois anos. Ela se mudou para um lugar diferente agora, tanto espiritual quanto fisicamente. É uma pioneira.

“Tenho sido pioneira a vida inteira”, disse ela, “porque sou recém-conversa. E minha jornada tem sido simplesmente fantástica. Sinto como se fosse toda uma nova vida. E assim que damos aquele primeiro passo em nossa jornada, milagres acontecem”.

Taylor não apenas entende o convite de vir — ela conhece a fonte do convite. Ela comentou: “Em nosso mundo, estamos extremamente desconectados do que nos trouxe para cá, não é? Estamos muito absortos em nosso trabalho e na tecnologia, e uma mensagem que realmente me tem chamado a atenção ultimamente é a de colocarmos Cristo em primeiro lugar. Se simplesmente nos conectarmos ao que os pioneiros realmente fizeram — [eles estavam] centralizados em Cristo”.

Segue-me é outro convite. Na jornada pioneira, Ethan G. adquiriu um entendimento maior dessa palavra. “Às vezes, eu não me sentia muito bem na jornada, ou então me sentia desanimado”, admite ele. “Mas me dei conta de que os pioneiros também se sentiam assim.”

Ethan costumava se perguntar por que os pioneiros se dispuseram a fazer o que fizeram. Ele disse: “Sinto que eu poderia simplesmente ter desistido. Mas, ao pensar nisso, meio que percebi que foi por causa do amor que tinham pelo Salvador, e eles tinham a esperança de que poderiam tornar-se melhores por meio Dele. Quero tentar fazer isso também”.

Antes de participar da jornada, Ethan leu a respeito dos pioneiros do passado, sentiu uma conexão com eles e foi inspirado pela fé que tiveram de seguir Jesus Cristo. E o que Ethan está fazendo agora? Está se preparando para receber um chamado para servir como missionário de tempo integral. Atendendo ao conselho do Presidente Monson, ele está se preparando para mostrar a outros o caminho a seguir.

Para onde devemos ir? Quem devemos seguir? O Salvador nos diz: “Vem, *segue-me*” (Lucas 18:22; grifo do

autor). Quando Harmony saiu de casa para a jornada, viu a mão do Senhor no que vivenciou. Ela sabia que estava seguindo Cristo.

O caminho trilhado por Harmony na jornada de sua estaca foi diferente de todos os outros. Aos 15 anos de idade, ela ficou sabendo que tinha um raro tipo de câncer de pele. Não poderia participar da jornada de sua estaca. “Fiquei arrasada”, relembra.

Quatro anos depois, quando sua estaca anunciou outra jornada, Harmony estava curada do câncer. Mas, aos 19 anos, ela achava que não poderia participar. Foi então que recebeu o chamado para participar como líder. Ela disse: “Foi um testemunho para mim de que o Senhor sabe quem somos, de que Ele conhece o desejo de nosso coração e, se formos justos e bons, Ele vai nos abençoar”.

Harmony deixou um conselho para ajudar-nos quando enfrentamos provações: “Para todos os que estão passando por dificuldades, digo apenas que confiem no Senhor. Ele sempre estará a seu lado. Ele nos ama e não vai deixar que caiamos. Basta estendermos a mão para Ele, e Ele vai nos ajudar em nossa jornada pioneira”.



VOCÊ PODE SER UM PIONEIRO

Se nunca participou de uma jornada pioneira, ainda assim você pode ser um pioneiro. Não precisa usar uma touca de pioneira nem puxar um carrinho de mão. Só precisa seguir Jesus Cristo, como fizeram os antigos pioneiros. Ao fazer isso, você será, como disse o Presidente Monson, “alguém que vai à frente para preparar ou abrir o caminho para que outros o sigam”.

Se tiver a oportunidade de participar de uma jornada pioneira, aproveite bem! E quando ela terminar e você deixar o carrinho de mão de lado, não se desfaça do testemunho pioneiro que está dentro dele. Leve esse testemunho com você.

Você é um pioneiro da vida real, dos dias atuais. Com o mais sublime Pioneiro, o Salvador, como guia, sem dúvida você terá sucesso! ■

NOTAS

1. Thomas S. Monson, “Leais à Fé de Nossos Antepassados”, *A Liahona*, julho de 2016, p. 4; citando *The Compact Edition of the Oxford English Dictionary*, 1971, “pioneer”.
2. Thomas S. Monson, “Leais à Fé de Nossos Antepassados”, pp. 4–5.

Para conhecer Taylor, Ethan, Harmony e outros pioneiros modernos, acesse este vídeo em **LDS.org/go/pioneer717**.

Você pode ler mais histórias dos pioneiros em **LDS.org/go/handcart717**.



PIONEIROS – NOSSOS ANTEPASSADOS ESPIRITUAIS

“Não tenho antepassados entre os pioneiros do século 19. Contudo, desde que me tornei membro da Igreja, senti-me muito próximo desses santos que atravessaram as planícies norte-americanas. São meus antepassados espirituais, como o são para todos os membros da Igreja, seja qual for sua nacionalidade, língua ou cultura.”

Presidente Dieter F. Uchtdorf, Segundo Conselheiro na Primeira Presidência, “A Igreja Mundial É Abençoada pela Voz dos Profetas”, *A Liahona*, novembro de 2002, p. 10.



UMA CANÇÃO PARA MANON

O que era originalmente para ser uma noite de entretenimento transformou-se numa grande expressão de amor por uma moça em particular.

Richard M. Romney

Revistas da Igreja

As moças estavam muito animadas. Na verdade, a ala inteira, no sul da França, estava entusiasmada. Para incentivar mais união, os líderes estavam planejando uma atividade social da ala, com jantar e entretenimentos. Sabendo que as Abelhinhas, as Meninas-Moças e as Lauréis já estavam aprendendo canções e danças em algumas de suas atividades, os líderes as convidaram para providenciar o entretenimento para a noite.

E assim as moças da ala começaram a ensaiar com dedicação — todas menos uma. Manon não poderia se apresentar. Já fazia dois anos que ela vinha sendo submetida a tratamentos para o câncer.

Manon C., de 16 anos, ainda frequentava as reuniões e atividades quando podia, sempre sorridente apesar de tudo que estava passando. Mas, durante a quimioterapia, às vezes ficava tão fraca que não podia fazer quase nada além de repousar. Os membros da ala tinham jejuado e orado

muitas vezes por ela. Ninguém esperava que ela ensaiasse ou que dançasse.

Mas ela *poderia* participar do jantar. Então, por que não dedicar a noite a Manon?

Uma Noite Dedicada

A ideia foi rapidamente aceita por todos.

“Queríamos que Manon sentisse o amor e o apoio da ala”, explica Emma S., de 16 anos. “Se a nossa ala queria ficar mais unida, que maneira melhor haveria de fazer isso do que trabalharmos em conjunto para demonstrar nosso amor por Manon?”

A ala inteira se envolveu nos preparativos. As famílias receberam designações de levar comida para o jantar, a Sociedade de Socorro ajudou a confeccionar a roupa das moças, os jovens adultos providenciaram o apoio técnico (iluminação, som e vídeos de fundo) para os ensaios e a apresentação final, e os irmãos do sacerdócio ajudaram a dispor as mesas e cadeiras.



A partir da esquerda: Emma compôs uma canção, as moças a apresentaram, Manon foi a convidada de honra e as jovens e os líderes todos ajudaram.

Todo esse trabalho foi realizado por membros da ala que estavam espalhados por uma grande área. “As jovens da ala são muito próximas umas das outras em espírito, mas moramos longe umas das outras”, explica Aiolah V., de 16 anos. “Não nos vemos na escola, porque moramos em partes diferentes da cidade, por isso nos esforçamos ao máximo para garantir que ninguém seja deixada de lado.”

“Também mantemos contato umas com as outras o tempo todo, graças aos celulares”, diz Inka S., de 15 anos. “Ensinamos umas às outras compartilhando as diferentes experiências que temos. Sabemos que podemos contar umas com as outras e tentamos dar um bom exemplo umas às outras.” As moças, que adoram se reunir sempre que podem, descobriram que os ensaios para a apresentação no jantar lhes proporcionaram mais oportunidades de aprofundar sua amizade.

“Antes de começarmos a ensaiar, eu era muito tímida”, explica Inka. “Eu tinha muito medo de cometer um erro. Mas, quando dançamos em grupo, deixo minha timidez de lado. Eu sabia que era hora de mostrar para a ala o quanto havíamos nos esforçado.”

Manon, por sua vez, mostrou-se humilde e amável. “Quando me contaram a respeito do jantar e da apresentação e que eu seria a convidada de honra, achei que ficaria incomodada por me darem tanta atenção”, relembra ela. “Pelo contrário, fiquei muito entusiasmada por estar lá!”

Uma Demonstração de Amor e Apoio

Em pouco tempo, a noite chegou, e foi uma ocasião perfeita para expressar amor e apoio a Manon. “A comida,

é claro, estava excelente”, diz Aiolah. “Estamos na França, afinal de contas!”

E depois, o entretenimento — que se chama *spectacle* em francês — esteve à altura do nome. Jogos, apresentações vocais e danças deleitaram a audiência. Então as moças, num coro combinado, foram o destaque do show. Dedicaram uma canção a Manon, uma canção que Emma escreveu e compôs sozinha. A letra do refrão resume o amor e o apoio que todas queriam que Manon sentisse:

*Por favor, não desista,
Porque acreditamos em você,
E não se esqueça de quem você é,
Porque acreditamos em você.*

Enquanto as moças entoavam a canção, era como se todos da ala estivessem cantando juntos, ao menos no coração. Foi como se a simples canção de Emma tivesse se transformado num coro não cantado que ressoava no coração de todos os santos dos últimos dias, onde quer que estivessem — um hino de coragem e compaixão, de familiares e amigos, de união, fé e esperança, uma oração incessante que é ouvida no céu.

A intenção dos líderes ao organizar a atividade social era unir a ala. Ao dedicarem a noite a Manon, isso não apenas ajudou a atingir esse objetivo, mas também gerou um sentimento duradouro de apoio para Manon e a família dela, e a compreensão de que todo filho de Deus é importante. “A meta da Igreja é ajudar a nos achar mais ao Pai Celestial e a Jesus Cristo”, diz Aiolah. “Sabemos que Ele nos ama e que jamais estaremos sós.” ■

CHEGAR MAIS ALTO

“O Espírito desafia-nos continuamente a ser melhores e a subir novos degraus.”

Élder Larry R. Lawrence, dos Setenta, conferência geral de outubro de 2015.



O Caminho para Sião

Jessica Larsen

Inspirado em uma história verdadeira

Richmond, Missouri, 2 de junho de 1862

“Mary, o que você está vendo?” A madrastra de Mary, que estava doente na cama, perguntou.

“O combate parece cada vez mais próximo”, disse Mary, olhando pela janela. A Guerra Civil Americana acontecia a apenas alguns quilômetros dali. O som dos tiros enchia o ar desde cedo. Mary virou-se para a madrastra. “Sinto muito. Mas acho que não podemos sair de casa para chamar o médico.”

“Chegue mais perto.” Mary sentou-se ao lado da cama e segurou a mão da madrastra. “Sei que seu pai ainda não está bem”, a madrastra disse baixinho, “mas vocês precisam levar a família para Sião — seu irmão, sua irmã e os gêmeos. Não dê sossego a seu pai até ele ir para as Montanhas Rochosas! Prometa!”

Mary sabia o quanto sua família queria ir para Salt Lake City. Depois de ouvirem o evangelho e serem batizados, deixaram a Inglaterra para unir-se aos santos em Sião. Mas seria isso possível? Ela olhou para o pai, que estava sentado em silêncio. Três anos antes, o pai sofrera um derrame que deixou o lado esquerdo do corpo paralisado.

Mary respirou fundo. “Prometo”, ela sussurrou.

Logo depois, a madrastra de Mary fechou os olhos pela última vez.

Certa manhã, Mary decidiu que era hora de contar ao pai sobre sua promessa. “Sei que só tenho 14 anos, mas preciso levar nossa família para Sião.” Ela ouviu os gêmeos acordarem. “Preciso preparar o desjejum. Mas, por favor, pense a respeito.”

Alguns dias depois, o pai chamou Mary. “Está tudo acertado”, disse ele. Sua fala ainda estava arrastada devido ao derrame. “Vendi nossas terras e a mina de carvão para podermos comprar um carroção, bois e vacas e um pouco de alimento. Um comboio de carroções partirá em breve para o oeste. Não são santos

dos últimos dias, mas podemos viajar com eles até Iowa. Quando chegarmos lá, podemos nos unir a um grupo de santos que esteja indo para o Vale do Lago Salgado.”

Mary o abraçou, feliz. “Obrigada, pai.” Em breve eles iriam para Sião!

Os dias passaram rapidamente enquanto Mary ajudava a preparar a família para a viagem. “Tudo vai dar certo”, ela dizia a si mesma. “Logo estaremos em Sião.”

Mas então o pai adoeceu novamente. Pela maneira que a boca ficou de um lado, ela temeu que fosse outro derrame.

“Ele está muito mal para viajar”, ela disse ao líder do



comboio. “Precisamos só de alguns dias para que ele se recupere.”

“Não podemos esperar”, respondeu o homem com rispidez. Vendo o rosto de Mary, ele suavizou a voz. “Podem ficar aqui até que ele esteja bem para viajar, depois vocês nos alcançam.” Sem outra opção, Mary concordou.

Uma semana depois, Mary preparou a família para viajar novamente. “Os gêmeos e Sarah podem montar nos bois”, ela disse a Jackson, o irmão de 9 anos de idade. “Papai pode ir dentro do carroção e você pode me ajudar a conduzir os bois.”

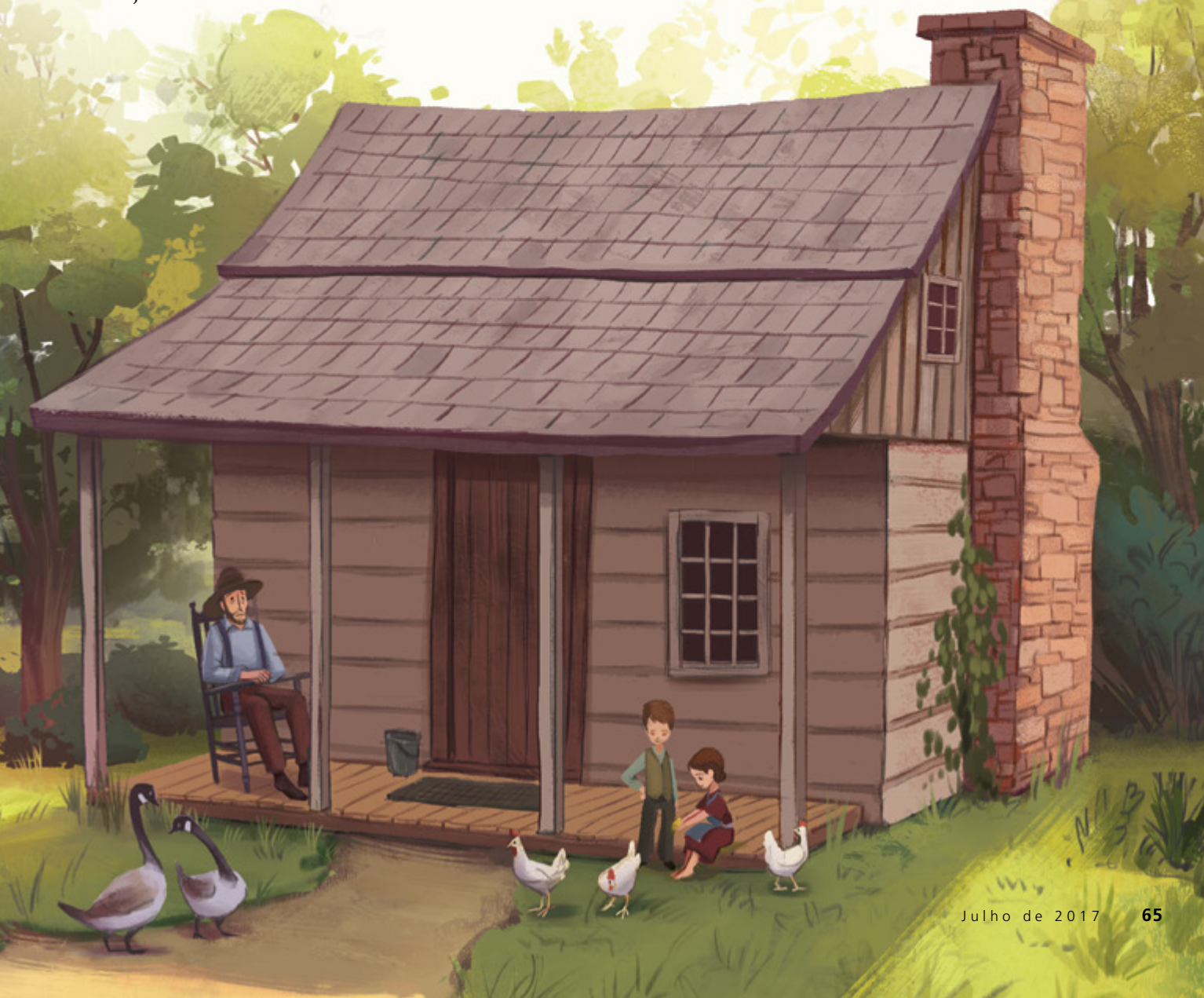
“Estou com medo”, Sarah disse baixinho. Ela, com apenas 6 anos, parecia ainda menor nas costas largas do boi. Os gêmeos de 4 anos olharam para Mary assustados.

“Vamos viajar bem rápido e alcançar nosso grupo!”, Mary disse com alegria forçada.

Sem parar, a família Wanlass viajou por quilômetros e depois por dias. Finalmente, até Mary teve que admitir a verdade.

O comboio de carroções não esperou por eles. Mary e a família teriam que viajar para São sozinhos.

ILUSTRAÇÕES: MELISSA MANWILL



O Rio Platte, Nebraska, 1863

“Ôôô, parem!” Mary puxou as rédeas e os bois diminuíram o ritmo. “Estão todos bem?” Ela olhou para os três irmãos menores, que estavam montados nos bois. Eles responderam que sim.

O Rio Platte estava diante deles, largo e lamacento. “E agora?”, Jackson perguntou. Ele só tinha 9 anos, mas estava ajudando Mary a guiar os bois. O pai estava deitado no carroção, ainda doente.

“Não precisamos cruzar o rio”, ela disse. “Mas podemos segui-lo.” Não havia uma estrada para São, mas o rio poderia guiá-los enquanto seguiam para o oeste. “Vamos, bois!”

Mary não sabia que os pioneiros mórmons viajavam do outro lado do Rio Platte e foi por um caminho diferente. Por não terem atravessado o rio, entraram em território indígena. Não viram outro comboio pelo resto da viagem.

E seguiram em frente. Semanas mais tarde, Mary viu uma nuvem de poeira se aproximando. “Calma”, ela sussurrou para os bois e para si mesma. “Calma.”

A poeira baixou para mostrar um pequeno grupo de indígenas montados em seus cavalos. Um deles foi até a parte de trás do carroção, onde seu pai estava deitado.

Os olhos do cavaleiro mostravam bondade. “Está doente?”, ele perguntou, apontando para o pai.

“Sim”, Mary falou baixinho. O homem gritou algo em seu próprio idioma e os homens foram embora tão rápido quanto chegaram.

Mary olhou para o sol no céu. “Vamos parar aqui”, ela disse a Jackson. Ela tirou Sarah e os gêmeos de cima dos bois.

“Mary, venha ver!”, Jackson disse. O homem de olhos amáveis vinha na direção deles, com algo pesado nas mãos.



“Pato selvagem”, ele disse. “E coelho. Para vocês.” Mary só conseguia olhar estarrecida, sem ter o que dizer, enquanto ele colocava os animais mortos em seus braços. Com um aceno, ele partiu em direção ao pôr do sol.

“Comida!”, Mary exclamou. “Carne!” O presente daquele homem foi realmente um milagre.

Mais milagres aconteceram naquela viagem. Uma manada de búfalos chegou perto deles, mas se desviou do carroção de ambos os lados. Uma tempestade de areia arrastou um dos gêmeos para um rio, mas Mary conseguiu salvar a criança.

Mas a jornada ainda era difícil. A cada dia, o carroção parecia mais desgastado e os bois mais cansados. O terreno era íngreme e rochoso. Era difícil cruzar as montanhas. Mas Mary e sua família moviam-se lentamente adiante.

Eles estavam acabando de descer uma montanha quando Mary viu um homem guiando um carroção em sua direção.

“Talvez ele possa nos indicar o caminho para Lehi, Utah!”, ela disse a Jackson. Havia um tio que morava lá.

“Vocês estão no Cânion Echo, não muito longe do Vale do Lago Salgado”, respondeu o homem quando ela perguntou onde estavam. “Mas onde está o restante de seu grupo?”

Eles contaram toda a história e o homem escutou maravilhado. “Vocês viajaram mais de 1.600 quilômetros sozinhos?” Ele balançou a cabeça com admiração. “Você é uma garota valente. Vou dizer-lhe como chegar a Lehi. Vocês estão quase lá.”

“Quase lá”, Mary sussurrou para si mesma enquanto o homem desenhava um mapa no chão empoeirado. Quase em Sião. “Apesar de tudo, acho que vamos conseguir.”

Mary e sua família chegaram a Lehi, Utah. Mais tarde, ela se casou e formou sua própria família. Seu exemplo de fé e coragem tem abençoado muitas pessoas. ■

A autora mora no Texas, EUA.



Jejuar pelo Profeta

Silioti amava o Presidente Kimball. Ela queria muito que ele melhorasse.

Rebecca J. Carlson

Inspirado numa história verídica

“Alimenta, Pai, nossa alma, alegra-nos o coração; abençoa este jejum, ouve esta oração” (Hymns, nº 138).

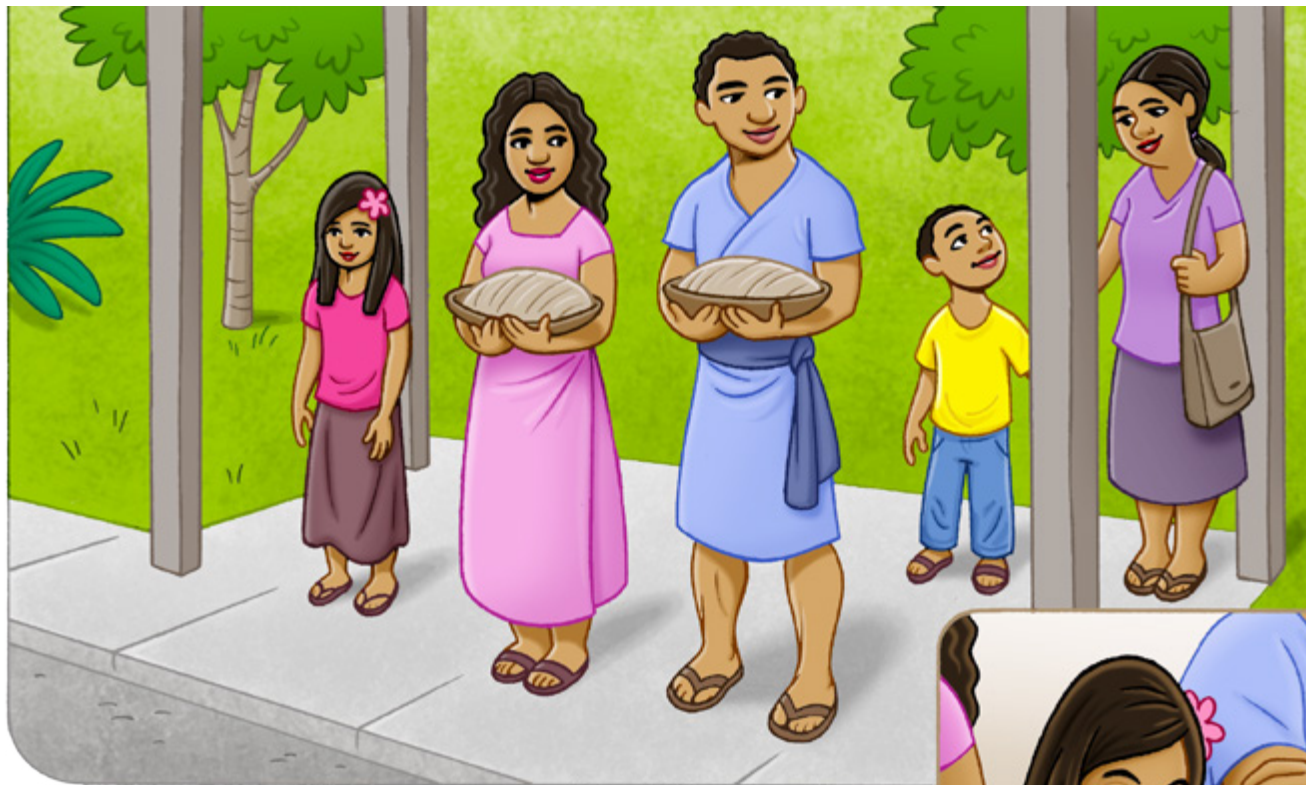
Esta história aconteceu em Tonga, em 1981.

Silioti voltava para casa depois da aula atravessando um pomar cheio de mamões amarelos e mangas rosadas. Quando ela viu os frutos, lembrou-se de como estava com fome. Também lembrou que aquele era um dia especial. Naquele dia, todos de sua estaca, em Tonga, estavam jejuando pelo profeta, o Presidente Spencer W. Kimball. O profeta estava doente e precisava ser operado. À noite, todos se reuniriam na sede da estaca para orar e encerrar o jejum juntos.

Quando Silioti chegou em casa, sentiu o aroma da comida sendo preparada no ‘umu, o forno feito em um buraco no chão. Seu estômago reclamava. Silioti estava feliz porque tinha idade suficiente para jejuar agora, mas jejuar em dia de aula era muito mais difícil do que no domingo.

Ela tentou esquecer a fome que sentia. Foi pegar lenha e depois limpou as folhas que haviam caído das altas árvores de fruta-pão que sombreavam o quintal.





“O Pai Celestial vai entender se eu tomar só um gole de água”, Silioti pensou enquanto lavava as mãos depois de fazer as tarefas. Depois, pensou em quanto amava o Presidente Kimball. Queria que ele recuperasse a saúde. Decidiu que esperaria.

Sentou-se na varanda e deitou a cabeça no colo da mãe. Ela estava muito cansada.

“Você pode encerrar o seu jejum se precisar”, a mãe disse.

“Mas quero jejuar”, Silioti respondeu. “Consigo.”

Quando o pai chegou do trabalho, toda a família ajudou a destapar o *‘umu*. Retiraram a carne de porco embrulhada em folhas, os peixes e a fruta-pão assada em leite de coco. Depois envolveram o alimento em

tecido e foram para a estrada esperar o ônibus.

Eles encontraram outras famílias na estrada, todas levando seu próprio alimento. Todos sorriam e conversavam ao subir no ônibus

juntos. Silioti sentou-se perto da mãe. Sentia o cheiro da deliciosa comida quando o ônibus sacolejava na estrada.

Já estava escuro quando chegaram à capela. Lá dentro, Silioti ajoelhou-se com os pais, os irmãos e centenas de outros membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Ao orar, Silioti rogou em seu coração: “Por favor, faça com que o Presidente Kimball se recupere”. Ela sabia que cada pessoa no salão estava orando pela mesma coisa. Ao sentir paz, teve certeza de que o Presidente Kimball ficaria bem.

Quando abriu os olhos, viu lágrimas no rosto das pessoas à sua volta. Todos haviam jejuado e ela jejuou com eles. Foi muito difícil, mas ela conseguiu! *O Presidente Kimball sobreviveu à operação e serviu como profeta por mais quatro anos.* ■

A autora mora no Havaí, EUA.

POR QUE JEJAMOS E ORAMOS?

“O jejum e a oração andam sempre juntos. Quando jejuamos e oramos com fé, ficamos mais receptivos para receber resposta a nossas orações e bênçãos do Senhor.”

Pregar Meu Evangelho: Guia para o Serviço Missionário, 2004, p. 81.



Como posso saber se tenho idade suficiente para jejuar?



No domingo de jejum, geralmente ficamos sem comer e beber por duas refeições. Também doamos o dinheiro equivalente ao valor das duas refeições para ajudar pessoas necessitadas. Isso se chama “oferta de jejum”. Quando estamos jejuando, podemos recordar nossas bênçãos, orar pelas pessoas e sentir o Pai Celestial próximo a nós. Você pode começar a jejuar quando você e seus pais sentirem que está pronto. Se não puder jejuar devido a problemas de saúde, ainda pode orar e sentir o Espírito Santo enquanto outras pessoas jejuam.



É bom jejuar quando se quer ajudar a abençoar outras pessoas e sentir o Espírito. Uma boa ocasião para jejuar seria depois de seu batismo.

Eddie O., 9 anos, Califórnia, EUA



Soube que tinha idade suficiente ao sentir que queria jejuar e o Espírito Santo me disse que eu estava fazendo a coisa certa. Comecei pouco a pouco.

Primeiro jejuava por uma refeição.

Depois tentava jejuar por duas.

Anne D., 9 anos, Nevada, EUA



Saberei que já tenho idade suficiente porque sentirei o Espírito Santo me dizer que é a hora certa de jejuar. E depois perguntarei a meus pais se esse sentimento está correto.

Brooklyn R., 7 anos, Auckland, Nova Zelândia



Ore ao Pai Celestial para saber quando deve começar a jejuar. Sei que o Pai Celestial pode responder a suas orações.

Liam P., 7 anos, Utah, EUA

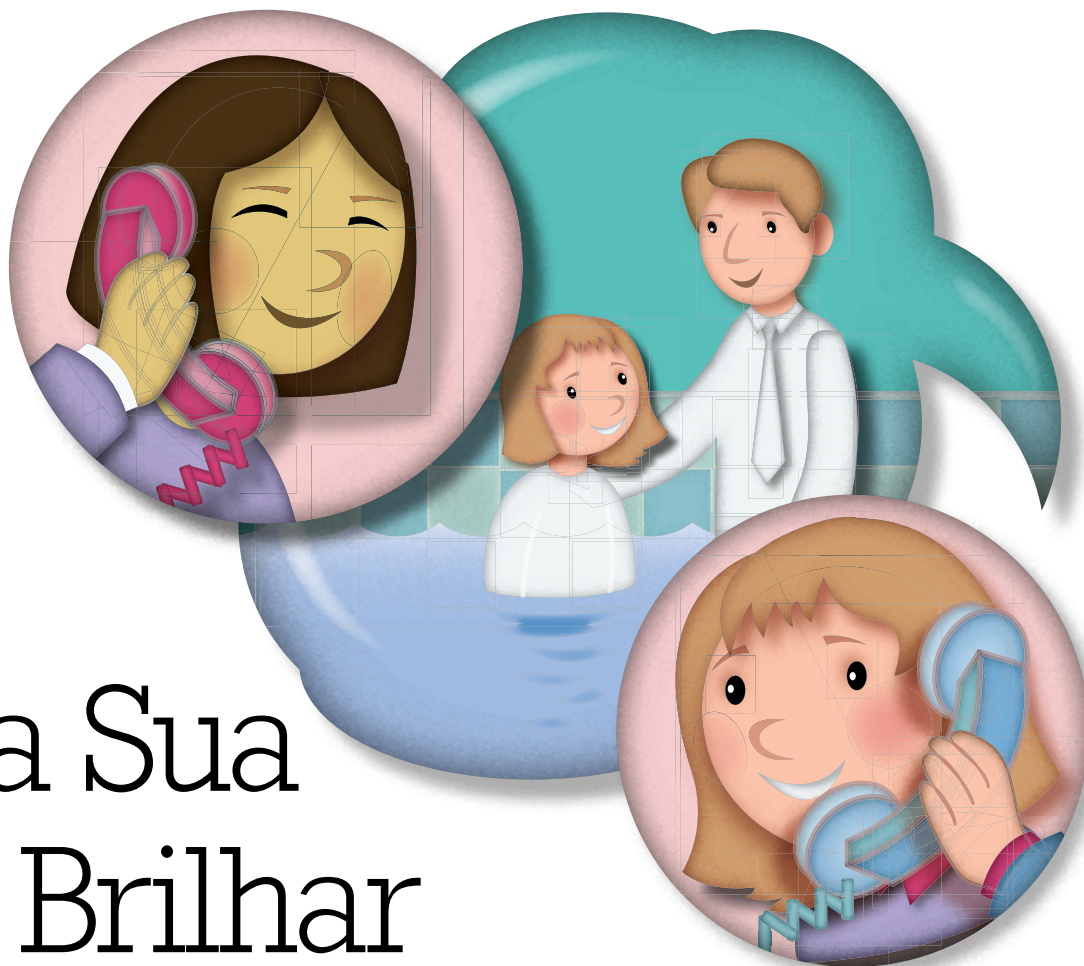


Acho que estarei pronto para começar a jejuar quando for batizado. Posso orar ao Pai Celestial pedindo Sua ajuda e perguntar a Ele quando e como devo começar.

Brian K., 7 anos, Washington, EUA



Élder
Larry S. Kacher
Dos Setenta



Faça Sua Luz Brilhar

Vou contar a vocês sobre duas meninas que fizeram sua luz brilhar ao compartilhar o evangelho. Quando nossa filha Nellie tinha quase 8 anos, a família morava na Suíça. Nellie estava animada para ser batizada. Um pouco antes do batismo, tivemos uma noite familiar e convidamos nossa amiga Tina. Tina havia sido ensinada pelos missionários. Mas não tinha certeza se queria ser batizada.

Depois da lição, pedimos a Tina que orasse. Tina quase não falava inglês, então orou em chinês. Não entendemos o que disse, mas sentimos o Espírito quando orou.

Mais tarde naquela noite, Nellie perguntou se ela e Tina poderiam ser batizadas no mesmo dia. Não sabíamos como Tina se sentiria a respeito. Mas concordamos que Nellie deveria pelo menos ligar e perguntar. Para nossa surpresa, Tina disse sim!

Nellie e Tina foram batizadas no final de semana seguinte. Depois, Tina nos contou uma história

maravilhosa. Ela nos lembrou de sua oração em nossa noite familiar. Na oração, pediu ao Pai Celestial para saber se deveria ser batizada. Quando Nellie ligou naquela noite, Tina soube que o Pai Celestial havia respondido a sua oração.

Nossa amiga Jasmine foi um bom exemplo para nós também. Jasmine estava com 12 anos de idade. Sua família e a nossa ficaram amigas quando moramos no Oriente Médio. Em seu país, os membros da Igreja não podem conversar com outras pessoas sobre o evangelho. É contra a lei. Mas Jasmine decidiu que poderia compartilhar o evangelho fazendo o que Jesus fazia. Ela poderia tratar os outros com amor e bondade. Em todas as situações, Jasmine tentava ser como Jesus. Foi um grande exemplo para as pessoas.

Nellie e Jasmine nos mostraram como podemos ser exemplos de Jesus Cristo. Podemos fazer isso sempre, seja qual for a nossa idade ou o local onde vivemos. ■

A

Carteira MÁGICA



Amanda Waters

Inspirado numa história verídica

“Escolhendo o que é certo bem feliz eu hei de ser”
(Músicas para Crianças, pp. 82–83).

“**E**stá com você!”, Mandy disse. Ela bateu no ombro do irmãozinho e saiu nadando. A família de Mandy estava morando em um hotel de estrada até poderem se mudar para a nova casa. Era bom comer ravióli aquecido no micro-ondas no almoço. E podiam nadar na piscina do hotel quase todo dia!

Mas havia uma parte que não era muito boa. O escritório do gerente do hotel ficava bem abaixo do quarto deles e ele achava que Mandy e os irmãos eram muito barulhentos. “Como posso alugar quartos se parece que uma manada de elefantes está em cima de minha cabeça?”, ele perguntou ao pai dela.

Depois do almoço, Aaron, o irmão caçula de Mandy, pulou da cama e ao cair no chão fez muito *barulho*. Mandy olhou preocupada para a mãe.

“Não pulem. Andem na ponta dos pés, por favor”, a mãe disse.

Mas já era tarde demais. O telefone tocou.

“Ai ai”, pensou Mandy.

A mãe pegou o telefone. Mandy podia ouvir o gerente reclamando.

Ela parecia desanimada quando desligou o telefone. “Edward e Mandy”, disse ela, “preciso fazer Aaron e Emily dormirem. Poderiam levar Kristine e Daniel para dar uma volta?”

Quando eles atravessaram o estacionamento do hotel, Mandy viu algo pequeno e marrom no chão.

Era uma carteira. E havia dinheiro nela!

“Olhe, Edward!”, ela disse, segurando a carteira bem alto.

“Precisamos levar isso ao escritório do gerente agora”, ele disse.

Mandy sentiu um aperto no estômago. Por que eles tinham que levar a carteira naquele momento? O pai ou a mãe não poderia levá-la mais tarde?

Mas Mandy sabia a coisa certa a fazer.

As crianças abriram a porta do escritório e entraram timidamente. O gerente franziu a testa. “Encontramos esta carteira no estacionamento”, Mandy falou. Sua mão tremia quando ela colocou a carteira no balcão.

O homem que estava em pé no balcão olhou para eles. “É minha”, ele disse. Rapidamente olhou dentro da carteira. “E está tudo aqui. Obrigado, crianças!”

Mandy olhou para o gerente. A carranca se fora e ele parecia feliz.

Depois que saíram do escritório, Daniel perguntou: “A carteira era mágica?”

“Por que você acha que é mágica?”, perguntou Edward.

“Porque fez o homem rabugento ficar feliz!”

Edward balançou a cabeça. “A carteira não era mágica. Ele ficou feliz porque fizemos o que era certo.”

Mandy teve um sentimento especial. Ela nunca pensou que escolher o certo poderia fazer as pessoas ficarem tão felizes.

Alguns dias depois, Mandy e o pai foram pagar a conta da semana. O gerente sorriu para Mandy. Ele havia ligado só mais uma vez desde que encontraram a carteira e foi para agradecer por serem honestos. Mandy sentiu que havia feito um novo amigo.

“Escolher o certo é realmente mágico”, ela pensou. Ela acenou ao sair e o gerente acenou de volta. “E ele não é mais tão rabugento agora.” ■

A autora mora em Nevada, EUA.



Ser Honesto

Um dia, no recreio, alguém deixou cair uma moeda. Eu a peguei e, apesar de querer ficar com ela, entreguei-a a

um dos professores. Senti-me bem porque escolhi o certo. Aprendi que, se encontrar um objeto que não seja meu, mesmo que eu queira, não devo ficar com ele porque seria roubo.

Tyler B., 7 anos, Oregon, EUA



**Élder
M. Russell Ballard**

Do Quórum dos
Doze Apóstolos

O que é um conselho de família?

Um conselho de família é uma reunião em qualquer dia da semana. Pode ser somente você com seu pai ou sua mãe ou toda a família. É uma ocasião em que se pode:



Desligar os
aparelhos
eletrônicos e
olhar e escutar
uns aos
outros.

Contar a
seus pais
sobre suas
preocupações
ou seus
temores.



Fazer metas
e anotá-las.



Oferecer-se
para ajudar
um familiar
durante
tempos
difíceis.

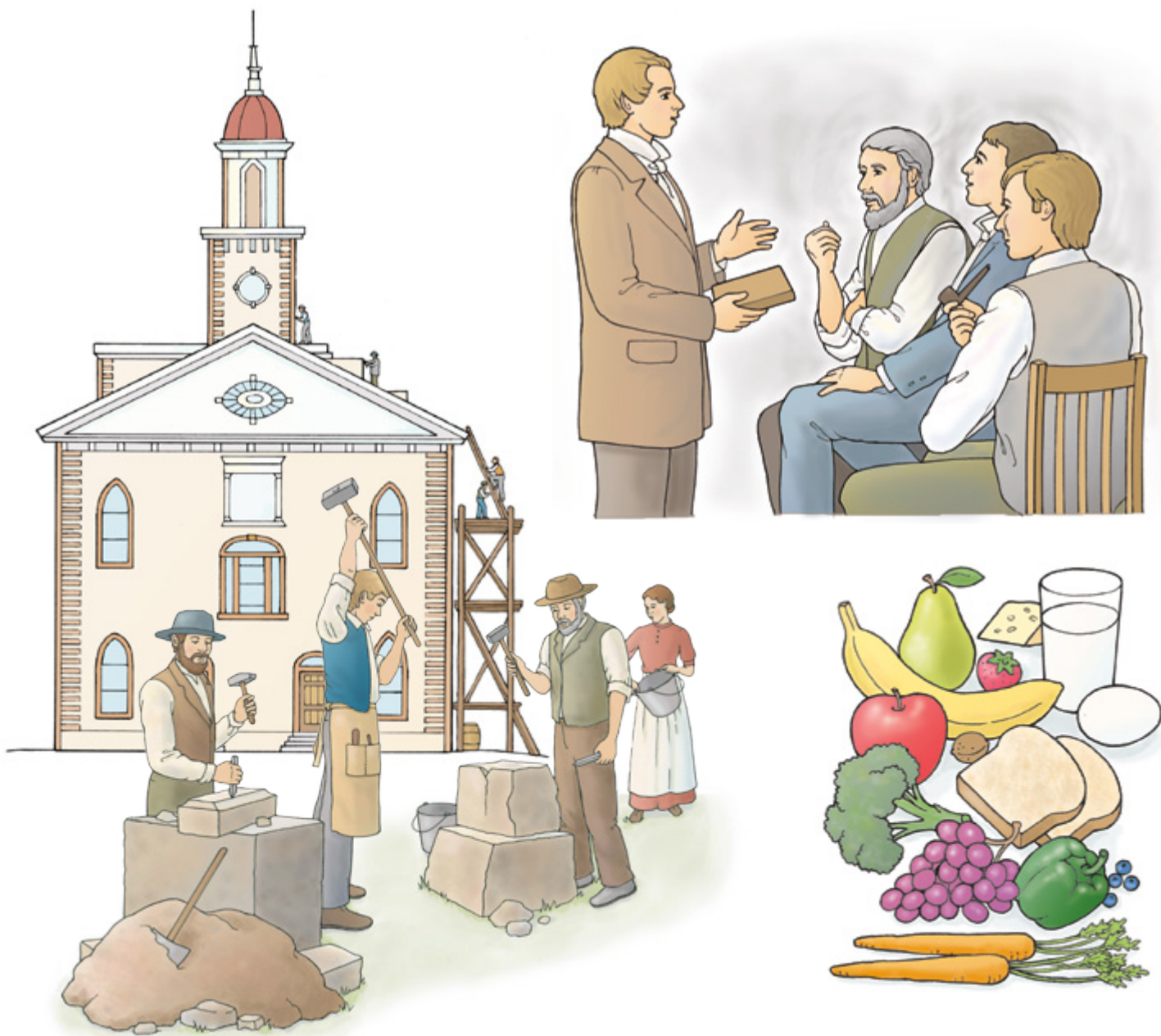


Se iniciado com uma oração, o conselho de família pode convidar a presença do Salvador para seu lar.
O conselho de família pode ajudar sua família a ser feliz.

Extraído de “Conselhos de Família”, A Liahona, maio de 2016, p. 63.

Kirtland e a Palavra de Sabedoria

Recorte estas figuras para ajudar a compartilhar acontecimentos da história da Igreja!



Enquanto os santos viviam em Kirtland, Ohio, o Senhor disse a eles que construíssem um templo. (Leia em D&C 110 sobre o que aconteceu depois que o templo foi dedicado.) O Senhor também mandou Joseph Smith criar uma escola para ensinar o evangelho aos líderes da Igreja. Muitos homens nessa escola fumavam ou mascavam fumo. Joseph e Emma não gostavam da fumaça e da sujeira que o fumo deixava. Quando Joseph perguntou ao Senhor o que fazer, recebeu a revelação que agora chamamos de A Palavra de Sabedoria. Você pode lê-la em D&C 89.

Encontre mais figuras da história da Igreja em liahona.LDS.org.

Jesus Alimentou Muitas Pessoas

Kim Webb Reid



Certo dia Jesus queria ficar sozinho.
Entrou em um barco e foi para um
lugar silencioso. Logo, muitas pessoas
O seguiram até lá.

Jesus ensinou as pessoas e
curou as que estavam doentes.
No fim do dia, todos começaram
a sentir fome. Os discípulos
de Jesus queriam que Ele Se
despedisse das pessoas para
que elas fossem comprar
comida na cidade.



Jesus disse a Seus discípulos que alimentassem as pessoas a fim de que elas não fossem embora. Mas os discípulos tinham somente cinco pães e dois peixes. Isso não era suficiente para alimentar todos.



Jesus abençoou o alimento e o partiu. Depois os discípulos distribuíram o alimento para as pessoas. Haveria comida suficiente?



Milhares de crianças, mulheres e homens comeram pão e peixe. Depois que terminaram de comer, sobraram 12 cestos de alimento. Foi um milagre. Milagres ainda acontecem na Terra hoje! ■

Extraído de Mateus 14:13-21.

Gosto de Ler as Escrituras





Presidente J. Reuben Clark Jr. (1871–1961)

Primeiro Conselheiro
na Primeira Presidência

AQUELES DO ÚLTIMO CARROÇÃO

Naquele último carroção, havia devoção, lealdade e integridade, mas, acima de tudo, fé nos líderes da Igreja e no poder de Deus.

Gostaria de dizer algo sobre o último carroção de cada um dos longos comboios que, com sacrifício, cruzaram as planícies. (...)

Lá atrás, no último carroção, nem sempre conseguiam ver os líderes que os guiavam, e o céu azul sumia de sua vista encoberto pelas nuvens densas e pesadas da poeira levantada. Ainda assim, dia após dia, aqueles do último carroção seguiram avanti, exaustos, com os pés doloridos, às vezes quase sem coragem, incentivados pela fé de que Deus os amava, que o evangelho restaurado era verdadeiro e que o Senhor guiava e dirigia os líderes da Igreja à frente. Algumas vezes, aqueles no último carroção vislumbravam, por um instante, quando a fé era mais forte, as glórias do mundo celestial, mas ele parecia tão distante que a visão se desvanecia rapidamente devido às dificuldades, à fadiga e ao



sofrimento; outras vezes, o desânimo os rondava.

Quando a visão desaparecia, o coração deles se entristecia. Mas eles oravam novamente e continuavam, sem receberem elogios nem maiores incentivos e sem serem tratados como heróis. (...) Ainda assim, naquele último carroção havia devoção, lealdade, integridade e, acima de tudo, fé nos líderes da Igreja e no poder e na bondade de Deus. (...)

Nessas condições, em meio à poeira e sujeira, (...) eles se moviam devagar até atravessarem os cânions e chegarem ao vale onde teriam um lar e descanso. (...)

Mas centenas dessas almas valentes, de fé inabalável e grandes talentos, ainda não haviam chegado ao fim da jornada.

O irmão Brigham [Young] novamente os chamou para servir no reino

de Deus e enviou-os para colonizar outros vales, próximos e distantes, nas vastas montanhas que seriam seu refúgio. Mais uma vez eles atrelaram os bois, engataram-nos nos carroções e (...) lentamente viajaram para novos vales, acreditando com fé absoluta na sabedoria e orientação de seu Moisés. (...)

E dezenas de milhares deles, do início até agora, todos os eleitos de Deus, cumpriram seu humilde chamado e seu destino, tal qual o irmão Brigham e tantos outros, e Deus vai recompensá-los. Eles foram pioneiros em palavras, pensamentos, atos e fé, como o foram aqueles que tinham chamados proeminentes. A edificação deste império entre as montanhas não foi feita em segredo por um pequeno grupo de pessoas escolhidas a dedo, mas por uma multidão oriunda de muitas nações, que veio, trabalhou e construiu, seguindo fielmente seus líderes divinamente chamados. (...)

Assim, a essas almas humildes, porém nobres, (...) humildemente expresse meu amor, meu respeito e minha reverente homenagem. ■

Extraído do discurso "Para Aqueles do Último Carroção", proferido na Conferência Geral de outubro de 1947.



TO THEM OF THE LAST WAGON
[PARA AQUELES DO ÚLTIMO
CARROÇÃO], (CA. 1954) DE
LYNN FAUSETT

Sustentados por sua fé em Jesus Cristo, os pioneiros corajosamente forjaram um caminho que ficou conhecido como a Trilha Mórmon em sua viagem de 1.600 quilômetros até o Vale do Lago Salgado. Os que estavam no último carroção nem sempre conseguiam ver seus líderes; ainda assim, seguiram em frente com firmeza.

Tópicos Desta Edição

PARA OS JOVENS ADULTOS

A ÚNICA COISA QUE ME SALVOU

Shuho enfrentou o racismo e a rejeição,
mas encontrou o evangelho e aprendeu a
confiar nas pessoas novamente.



p.44

PARA OS JOVENS

p.50



FORTES Durante Toda a Semana

Como o sacramento pode ajudar você a
permanecer forte a semana inteira.

PARA AS CRIANÇAS

Cantinho da Pergunta

Quando as crianças devem
começar a jejuar?



p.70



A IGREJA DE
JESUS CRISTO
DOS SANTOS
DOS ÚLTIMOS DIAS